



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JANICE ZAPERLLON MAZO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-546

Entrevistada: Janice Zaperllon Mazo

Nascimento: não informado

Local da entrevista: ESEF - UFRGS

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 20/03/2015, 27/03/2015, 24/04/2015.

Transcrição: Leila Carneiro Mattos e Ayllu Acosta.

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 3 hora 2 minutos e 54 segundos

Páginas Digitadas: 59 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Envolvimento com os estudos históricos; Trabalhos iniciais; Negociações na Escola de Educação Física para implantação do Centro de Memória do Esporte (CEME); Apoio Financeiro inicial; Espaço Físico; Decisão de afastamento para fazer o doutorado; Retorno; Dificuldades do trabalho na universidade; Data de fundação do CEME; Exposição do INDESP; Exposição de aniversário da Biblioteca; Exposição em Gramado; Exposição na AMRIGS; Organizadores; Pesquisa; Participação em eventos da História e da Educação Física; Investimentos; Definição de CEME; Importância do CEME na sua trajetória.

Porto Alegre, 19 de março de 2015. Entrevista com Janice Zarpellon Mazo a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professora, primeiro muito obrigado por esta entrevista e eu queria que você começasse contando como se constituiu o Centro de Memória do Esporte da ESEF¹ e como você se envolveu nesse processo?

J.M. – O meu envolvimento com as questões, vamos dizer, mais da história começaram na Universidade Federal de Santa Maria, porque eu fui aluna lá na graduação. Eu fiz um movimento durante a minha graduação, eu buscava sempre uma formação muito ligada ao esporte e as áreas que eram consideradas importantes na época como a Fisiologia, a Cinesiologia, tenho muitos cursos, quando eu olho as minhas pastas assim, eu tenho mais de cem cursos nessas áreas. Porque a graduação ela era muito fraca e tal e eu comecei a conviver com um grupo de pessoas dentro da Universidade, que abriu um projeto em razão da presença do professor Reiner Hildebrandt² e do professor Dickert³ e de vários alunos de mestrado na época que tinham lá e que hoje são professores da Universidade: a professora Luciane⁴ que eu acho que até foi embora para a Alemanha, professor Cardoso⁵, professor Wenceslau⁶ que era um grupo que fomentava outra discussão lá dentro. Então eu comecei a me envolver com esse grupo, comecei a ler, conheci pessoas e comecei a mudar um pouco isso. Tanto que eu fiz um curso de especialização, quando eu conclui a graduação, um Curso de Especialização em Técnica Desportiva em Voleibol. Olha só, na época era esses cursos, eu sempre tive esse pé muito forte no esporte. Mas o curso acabou também ajudando a decidir que não era com isso que eu queria trabalhar. Conclui o curso e trabalhava numa escola como treinadora, como professora de Educação Física, eu acho que eu dava aula desde a quarta até a oitava série com as irmãs franciscanas, uma experiência importante, mas eu disse: “Não é exatamente isso que eu quero”. E aí apareceu um Curso de Especialização em Pesquisa Curricular organizado pelo professor Haimo

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Reiner Hildebrandt-Stramann.

³ Jürgen Alfred Friz Dickert.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵ Carlos Luiz Cardoso.

⁶ Wenceslau Leães Filho.

Hartmuth Fensterseifer que tinha retornado da Alemanha e eu fui fazer esse curso pelo próprio nome, pelas conversas do professor Haimo, que eu nunca me afastei da instituição. E ali eu comecei a ver que eu tinha interesse em outras áreas de estudo. Na especialização eu fiz uma monografia, como se chamava na época, hoje são Trabalhos de Conclusão de Curso, já me direcionando para essa área. Eu não tinha formação nenhuma em história, mas eu convivía com pessoas da história. Eu circulava já nos eventos, eu gostava daquilo, então circulava. Na UFSM⁷, tinha um curso lá de graduação em história e eu circulava com algumas pessoas. Então, já essa monografia eu fiz um primeiro movimento, anos depois analisando eu digo: “Bah! O meu trabalho de conclusão é um perfeito exemplo de uma história descritiva da primeira fase”. E aí eu ingressei no mestrado, naquela época o mestrado você tinha até três anos para fazer. Eu fiz muitos créditos, o modelo era esse: muitas aulas, aulas na Educação Física, fiz aulas na Faculdade de Educação. E ali eu queria fazer uma dissertação, o trabalho final do curso, já com esse direcionamento. Na época eu comecei com a orientação do professor Silvino Santin que era a pessoa mais próxima, que não tem nada a ver com isso, porque ele é um filósofo de formação, em *uma* formação dentro da filosofia, mas ele aceitou orientar o trabalho. No meio desse processo ele pediu a aposentadoria e eu fiquei durante bastante tempo sem ter uma pessoa para me orientar. Mas fui fazendo o trabalho e enfim com a ajuda de colegas do pós⁸, autonomia... Então, eu sei bem o que é orientar e o que é não orientar um trabalho e isso também me serviu de exemplo depois, para quando eu comecei a atuar como orientadora. Por fim, alguém me indicou, eu não me lembro exatamente quem, me falaram da professora Carmem Lúcia Soares da UNICAMP⁹ e alguém articulou a orientação. No fim foi ela que assinou o meu trabalho, ela pegou o trabalho na fase final, assim, não tinha mais tempo para mudar, fez muitas críticas ao trabalho, sim, é uma pessoa que vinha de uma outra visão. Mas eu também durante o processo eu fui muito questionada, porque Santa Maria, não vinha dessa tradição e o Santin disse: “Olha, eu não sei se tu vai conseguir seguir com esse trabalho, defender uma dissertação dessa natureza”. Ele não tinha nada de interpretação, você imagina! E isso não era visto como campo da Educação Física. Esse meu convívio com os colegas da história e com pessoas da área da Educação foram as pessoas que me apresentaram a História Oral e foram as minhas experiências de fazer História Oral. Porque

⁷ Universidade Federal de Santa Maria.

⁸ Programa de Pós-graduação.

⁹ Universidade de Campinas.

eu acabei escrevendo um trabalho sobre a história do Centro da Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria e foi um trabalho nesse viés da história cronológica, descritiva, que hoje eu estou reescrevendo ele com outra perspectiva. De fato eu estou fazendo uma reescrita daquela história porque eu tenho várias pessoas que já faleceram, eu tenho todas aquelas fontes ali, eu tenho todo esse material. É que depois que eu concluí o mestrado, como foi um processo bem complicado, eu não quis nem olhar, acontece com muita gente isso. A gente já escutou muito depoimento de pessoas que concluíram o mestrado não voltam mais para a universidade, não leem mais. Então eu nem toquei naquilo, eu fui trabalhar. Também naquela época não tinha tanta essa pressão para publicar, o final dos teus estudos era entregar a dissertação e que era feita nesses formatos. No meu mestrado eu tive aulas de estatística, eu tive um leque de disciplinas que de fato me ajudaram na minha formação, até para compreender os outros universos e as outras áreas, mas que para a dissertação propriamente dita foi pouca contribuição. A própria História Oral, por exemplo, me perguntavam: “Mas como é que tu está trabalhando com isso?” E eu também enfrentei todo um problema porque ela era vista como subjetiva, que é uma discussão que a gente tem dentro da História Oral e era um período assim da discussão sobre a ciência: “onde está a neutralidade? Mas essas pessoas vão te mentir”. Foi bem difícil. Eu também, como eu não tinha a formação, era mais por leituras e o primeiro livro, eu não esqueço, tenho ele até hoje foi do Montenegro¹⁰. Quando eu li um colega disse assim: “Tu lê o livro do Montenegro, História Oral...”. Eu nem lembro o título, um título grande, está super amarelo, está guardadinho, tenho um carinho por aquele livro. Eu disse: “Bah! É isso que eu quero fazer”. E aí eu falava e o professor dizia: “Janice, as pessoas vão te mentir, isso não existe, isso não é aceito, como entrevistar? Tu tem que ter outros métodos”. Então era um momento assim bem complicado. Mas aí enfim saiu, defendi, concluí o mestrado e foi por aí. E naquele período assim eu disse: “Olha, eu quero trabalhar”. Por um bom tempo... Foi bem desgastante a universidade, eu queria trabalhar, ir para o mercado de trabalho. Mas nesse período, quando eu defendi, houve uma pequena tentativa de criar um acervo, não era um Centro de Memória do Esporte, eu nem pensei sobre esse nome na época, com todo esse material que eu consegui reunir. Porque um dos meus entrevistados foi o Coronel Milo Darci Aita e ele vivia em Brasília e como ele era um militar, ele tinha tudo organizado e quando ele se aposentou, aposentadoria

¹⁰ Antônio Torres Montenegro.

compulsória aos setenta anos, ele levou o arquivo junto com ele, que é uma tradição, um pouco dos gestores, de quem administra. Felizmente ele guardou tudo e ele me passou muita coisa e fora que ele tinha uma outra secretária no Centro de Educação Física, que depois abandonou a área de Educação Física, virou juíza do trabalho e que eu conheci ela aqui em Porto Alegre e ela me doou todo o material porque ela também levou. Ela disse: “Olha, eu preferi levar comigo porque eu sabia que se eu deixasse lá no Centro ia se perder”. Iam queimar, extraviar era o que se fazia com os arquivos. Então eu tenho até hoje esses materiais porque acharam uma pessoa em que confiavam. E eu resolvi estimular lá no Centro na época, na coordenação do pós, que eles criassem um arquivo, um acervo, porque isso era importante para a escola, para Santa Maria que foi um curso que foi uma referência. Recebeu pessoas do Brasil inteiro e muita coisa se perdeu e eu acabei depois até com certo arrependimento de ter feito essas doações, porque o acervo, o arquivo nunca aconteceu. Então, eu tenho quase certeza que as coisas foram extraviadas, que se eu não... Que eu entendi que deveriam ficar lá, se eu tivesse guardado esse material quem sabe hoje... Mas enfim são decisões que tu toma. Anos depois eu fui procurada pelo professor Celso Giacomini¹¹ que ele queria fazer um evento comemorativo da formatura da turma dele, não me lembro quantos anos, e queria que eu escrevesse um livro da história do Centro. Ele era uma pessoa que reconhecia a importância daquilo ali. Então, ele viabilizou uma “verbinha” e eu mandei o material que eu tinha. Eu já não vivia mais em Santa Maria e lá eles condensaram aquele material e saiu um livro, aquele livro comemorativo nas condições possíveis, com o dinheiro que eles tinham. Eu não decidi sobre nada daquilo, mas fui convidada, o seu Celso é uma pessoa muito educada, fui convidada para a cerimônia. Ele queria entregar para os colegas um livro, então, foi assim, não consegui fazer o arquivo lá, mas consegui o livro. Depois eu vim para Porto Alegre trabalhar na Prefeitura e dava aulas na ULBRA¹². Eu era professora de História do Esporte na ULBRA, eu tentei conversar na época com o coordenador que era o professor Alduíno Zilio, ex-professor aqui da ESEF. Era um curso que estava começando, eu acho que era 1991, 1992, 1993 por aí, e eu disse: “Olha professor, seria muito interessante, nós estamos começando um curso aqui, ele tinha sido criado em 1989 e eu sou professora da História do Esporte... Nós poderíamos começar com algumas ações no sentido de preservar a memória aqui e tal”. E eu trabalhava também com Introdução à Educação Física. O professor Alduíno,

¹¹ Luiz Celso Giacomini.

uma história de vida na Educação Física, mas também ele estava ali como gestor, como administrador. A ULBRA tinha outra política naquele momento, também era uma instituição que não tinha tanta história na própria área da Educação Física e eu já queria começar a largar os estudos para história lá. Enfim, só as primeiras ideias... Não funcionou. Eu também fiquei lá dois anos no máximo e acabou não acontecendo nada. Eu fiz alguns trabalhos com os meus alunos, eu devo ter lá as famosas fitas cassetes, a gente filmava e guardava eu criava assim aulas estratégicas. Então, eu guardei alguma coisa assim, mas deve estar lá, não sei onde. Depois disso eu fui para a Universidade de Brasília que eu fiz concurso e aí eu cheguei na Universidade de Brasília, eu disse: “Bom, agora Universidade de Brasília”. Mas a Educação Física naquela época era só um curso de graduação, eles não tinham ainda um programa de pós-graduação e lá eu assumi várias disciplinas. Eu era professora da História do Esporte e de estágio. Também participava dos projetos, eu sempre tive esta característica de me envolver muito nas instituições, e já peguei cargos e essas coisas. Eu descobri que o professor Mário Ribeiro Cantarino¹³, que eu conhecia de nome, tinha sido professor lá e eu digo: “Eu vou atrás dele”. Descobri a casa do professor Mario Cantarino, descobri que aos sábados ele treinava atletismo, eu sempre fiz esporte, então, aos sábados de manhã nós íamos para a pista, chegava cedo também e ele era um treinador maravilhoso. Ele era um apaixonado pelo atletismo, ele varria a pista, ele cuidava e a gente ia conversando. Ele me falou do apartamento que ele chamava de JK¹⁴ que ele tinha comprado para colocar todo o acervo dele, que ele sempre pensou em alguma coisa assim. E eu disse assim: “Professor, vamos tentar fazer aqui dentro da Faculdade de Educação Física da UnB!¹⁵” E a esposa¹⁶ dele tinha uma formação nessas áreas, de biblioteconomia ou arquivologia. Fui lá para a história da UnB, fui atrás de professores, e o Departamento de História naquela época, eles sempre tiveram muita resistência, a história sempre foi muito fechada, os historiadores, sempre tiveram num outro patamar. Conversei com algumas pessoas, até pessoas de nome, de eventos que eu conhecia de História Oral, que eu comecei a ler, a estudar, pesquisar sobre isso, mas as portas não se abriram. E tinha toda uma tradição e a Educação Física estava lá no Centro Ciências da Saúde... E também entre os colegas do curso, ninguém se opunha, mas

¹² Universidade Luterana do Brasil.

¹³ Mario Ribeiro Cantarino Filho.

¹⁴ Apartamento conjugado.

¹⁵ Universidade de Brasília.

também não tinha colaboradores, entendeu? Era um curso menor, tinha muita rotatividade de professores. Brasília tinha gaúchos, tinha cariocas, tinha os paulistas, pessoas que ficavam, mulheres de militares, ficavam um período, depois saiam.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO¹⁷]

J.M. – Eu comecei a conversar com o professor Mario Cantarino e eu tinha um projeto feito pela esposa de um colega, que trabalhava em acervos lá em Brasília, hoje acho que eu tenho guardado esse projeto. Ela fez um projeto maravilhoso para apresentar em reunião e tentar criar esse espaço, eu fiquei um ano só em Brasília, provavelmente se eu tivesse ficado mais tempo lá... Porque em um ano eu consegui fazer o projeto, apresentar e comecei a fazer um trabalho que eu chamei de sensibilização. Eu fazia ações na minha disciplina e eu criava horários e eventos, como aqui o professor Clézio¹⁸ tem o Dia do Lazer dele, pois eu tinha o Jornal Ontem: eu construía quadros como se fosse um jornal, os próprios alunos. A gente filmava e passava em horários que tinha muita circulação. E com o professor Cantarino, eu frequentava o acervo dele eu dizia assim: “Cantarino, nós temos que botar isso dentro da UnB, que é a tua Universidade. No futuro ou de repente se não quiser levar porque o acervo é teu, mas começar a estimular os alunos, tu não precisa ter acervo, tu não precisa ter sala sede, tu tem que começar”. E começamos uma parceria. Só que passou esse tempo, eu decidi vir embora. Na verdade eu fiz concurso para outra Universidade, todo mundo quer saber porque eu saí de Brasília. Eu saí de Brasília porque com meu salário eu não conseguia sobreviver naquela cidade. As pessoas perguntam: “Por isso?” Eu digo: “Sim, por isso”. Porque você precisa viver do teu salário, você tem que pagar aluguel, eu tinha que pagar aluguel, telefone, contas e quando chegava no final do mês eu ficava com muitas dívidas ou às vezes em situação crítica. Eu falei: “Não tem como eu viver nessa cidade, então, eu vou ter que sair daqui, por essa questão”. E aí um colega disse: “Janice, estão abrindo dois concursos públicos”. Eu não era a única, teve outras pessoas que também ficaram pouco tempo em razão disso daí. Na UFSC¹⁹ era concurso de lazer, uma área afim, digamos, mas um pouco distante. Como eu também tinha dado aula

¹⁶ Helena Pessoa Cantarino.

¹⁷ Uma pessoa bate na porta para falar com a Professora.

¹⁸ Clézio José dos Santos Gonçalves.

¹⁹ Universidade Federal de Santa Catarina.

de História do Esporte, professora de estágio e de Prática de Ensino, puxaram meu Currículo Lattes... E eu disse: “Que ótimo!” Trabalhei de novo e aí eu fui para a UFSC, fiz o concurso. Mas fiz o concurso: “Se der, deu, se não eu vou ter que ficar aqui mais um tempo e eu vou ter que achar uma outra forma de me manter”. Só tinha mestrado na época, estamos falando, da década de 1990... 1994, situação um tanto complicada também no país. Eu fiz o concurso e fui para a UFSC. Cheguei lá, fiquei até um pouco decepcionada com a biblioteca. Eu vinha da UnB, lá tem uma grande biblioteca e daí eu disse: “Bom, mas vamos ver alguma coisa de acervo”. E aí lá tinham outros conflitos: era uma instituição um pouco maior e lá estava muito o grupo que era das Ciências Sociais Humanas, o nome que quiser dar, até a gente chamava o grupo do CBCE²⁰ e o grupo que não é. Mas lá eu disse assim: “Eu vou começar a me aproximar dessas pessoas por meio da pesquisa”. E eu comecei, abri um projetinho de pesquisa e eu comecei a gravar entrevistas com os professores das diferentes áreas porque o meu projeto era escrever a história do Centro de Educação Física e dos Desportos da UFSC. “Eu vou começar esse projeto”. E um colega chegou e disse assim: “Janice, um dos professores mais antigos ainda está aqui no corpo docente”. Eu fui conversar com ele, eu disse: “É ótimo para coletar entrevista, mas para o trabalho da parceria vai ser um tanto complicado”. Ele vinha de outra tradição de outra formação, ele já estava se aposentando, mas eu comecei por esse caminho. Eu gravei entrevista com o professor Markus Nahas²¹, que era uma referência lá. Não foi fácil conseguir horário. Eu, uma professora nova chegando, mas pela questão da história ele entendeu que era importante. Eu comecei a gravar entrevistas e fui repassando todo esse material para esse professor. Consta que tem um livro... eu nunca vi, eu nunca recebi nada... Então, eu trabalhava com disciplinas de lazer, trabalhava em projetos de extensão, mas o meu projeto de pesquisa era, de novo, tentar criar um acervo, um arquivo e eu sempre entendia que o começo era pela memória da instituição; a ideia de um memorial, porque todos se sentiriam fazendo parte daquilo, que todos faziam parte daquela história e eu fui reunindo todo esse material e eu passei para esse professor. Eu não estou lembrada do nome dele agora, anos depois encontrei um colega e ele disse assim: “Janice, tu lembra aquele trabalho que tu começaste lá na UFSC? Pois tu não acredita, o professor fez, pegou ajuda de mais alguém e parece que saiu o livro”. Só que eu sou invisível nesse material, o que não tem problema nenhum, quer dizer saí de lá, mas é um trabalho que seria eu de fato.

²⁰ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

Não sei realmente se saiu e o que saiu, ele usou o termo livro, eu também nunca mais retornei ao Centro. Eu acabei fazendo um concurso aqui na UFRGS²² para a área de voleibol, que era uma área que eu tive muito envolvimento. Sempre pratiquei vôlei dentro da graduação, eu fiz parte da equipe da Universidade, eu era monitora de vôlei, tinha curso de especialização em voleibol. Quando abriu um concurso, inicialmente eu resisti muito, porque a Escola de Educação Física... É muito curioso, eu nunca escutei elogios sobre a ESEF, os colegas de Santa Maria quando falavam da ESEF, falavam: “Lá é uma instituição muito complicada”. Olha que curioso isso: “A mentalidade deles é de um grande colegião, é uma instituição de ensino”. Veja quem está falando é a Universidade de Santa Maria que tinha curso de graduação, especialização, mestrado e criou um doutorado, então, eles olhavam e eram essas as informações que eu tinha aqui. Eu nunca me interessei em fazer um concurso aqui, os meus professores não recomendavam. Tanto que, tu veja bem, eu fui para a UnB, porque a Universidade de Brasília tinha muito mais destaque e reconhecimento e eu nunca pensei em vir trabalhar aqui porque tinha toda essa representação. Claro depois que eles criaram essa imagem ficava essa ideia de que a ESEF era uma instituição pequena. Ela era outra ideia de Educação Física, veja bem. E às vezes eu conversava com pessoas que tinham feito o curso aqui e tudo o professor Haimo era aluno daqui, ele disse: “Não, não você tem que buscar instituições maiores”. Olha que a ideia aqui era um lugar menor! E eu tinha passado por uma situação aqui que foi bem constrangedora, eu vim fazer uma seleção de mestrado aqui e saiu uma primeira lista dos classificados no mestrado e o meu nome apareceu em primeiro lugar. Eu nem vi a lista e o professor disse: “Janice, meus parabéns”. Eu estava lá na especialização eu disse: “O que houve?” Ele disse: “Alguém me falou tu está em primeiro lugar lá na lista de mestrado, tu vai embora e tal”, “Pô! Que maravilha”. Eu vim até por incentivo da professora Silvana²³, eu nem tinha cogitado vir fazer aqui. E eu não sei quanto tempo depois, saiu uma segunda lista e nessa segunda lista o meu nome tinha desaparecido. Eu nunca telefonei, eu nunca enviei correspondência, eu nunca me interessei em saber, a informação que me comunicaram colegas depois. Eu estava fazendo especialização na UFSM, o professor Haimo estava no grupo de pesquisa, então, para mim isso era mais importante e significativo. Eu tinha vínculos lá muito mais fortes. Me disseram que eu tinha sido

²¹ Markus Vinicius Nahas.

²² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²³ Silvana Vilodre Goellner.

reprovada na prova de inglês, naquela época, mas parece que passaram a exigir proficiência e eu fui reprovada mas eu nunca recebi nada oficial. Se tu me pedir assim: “Tu tens um documento que diga isso?” Nunca, nem um telefonema, nem uma carta, eu não tenho nada. A única coisa que eu tenho é que eu vim fazer esse processo, então, isso também ajudou a reforçar a imagem: “Mas como assim você torna público uma lista e depois sai outra lista?” E na segunda lista apareceu muitos nomes de ex-alunos da graduação aqui. Então também surgiram vários comentários sobre o tipo de processo que era feito aqui. Isso sim reforçou mais ainda os concursos para professores, o que hoje a gente chamaria de endogenia, alguns eu não fiz um estudo sobre isso ainda, eu tenho uma aluna que nós estamos trabalhando toda história da ESEF, então, a gente vai identificar a origem desses professores, a gente faz quase que uma genealogia. Então tinha essas situações, mas tudo bem... “Segue o baile!”²⁴. Aí eu vim fazer esse concurso por motivos pessoais, com muita resistência. Eu tinha uma pessoa aqui enfim, ele disse: “Vai lá, faz o concurso, não custa nada”. Eu estava satisfeita ali com a UFSC e ali o meu projeto estava andando, ali a gente ia fazer esse livro e eu comecei a contar com o apoio dessas pessoas, dessas áreas da Fisiologia e tudo. Com os colegas da Biomecânica, tinha boas relações com eles, inclusive um deles era gaúcho. Ele dizia assim: “Eu sei que tu é uma pessoa séria, eu te apoio”. Então, começou a criar um ambiente favorável para isso. Mas aí eu passei num concurso aqui e foi uma situação bem complicada na vida, decidir vir para cá e acabei vindo. Porque voleibol é uma área que eu gosto e eu acabei vindo para cá. Os primeiros anos foram bem difíceis porque era outra instituição já tinha toda essa bagagem por trás, mas por ter essa bagagem ela me ajudava. Eu tentei já no primeiro ano, eu cheguei, eu fui chamada em dezembro, mas eu comecei a trabalhar antes aqui. Eu comecei a circular, eu disse: “Eu vou ter que dar um jeito”. E como eu tinha um tempo, eu comecei a circular por todos os lugares, que a gente chamaria hoje de lugares de memória em Porto Alegre. Eu visitei o Marc Chagall²⁵ várias vezes, conversava com as pessoas lá, a professora Ieda Gutfreind depois que era da história da UFRGS, foi para lá. Eu descobri o Museu do Trabalho na UFRGS de antropólogos. Eu vou te dizer, eu rastreie lugares aqui, onde alguém falava tem arquivo, eu ia. Eu fui na Santa Casa²⁶, eu ia assim: “Olha, meu nome é Janice, eu trabalho na área, eu estou conhecendo, queria saber...” E foi o lugar que

²⁴ Expressão que significa: vamos em frente.

²⁵ Instituto Cultural Judaico Marc Chagall.

²⁶ Centro Histórico-Cultural Santa Casa.

eu achei as pessoas mais receptivas. Foi impressionante e também essas pessoas diziam assim : “Janice, no final do ano eles vão realizar um curso sobre preservação de acervos”. Eu digo: “Será que eu posso participar?”. Tem sempre aquela história: “Sou da Educação Física”. “Olha, vai lá, me dá o teu contato e eu te mando”. E eu comecei também a ser inserida, conheci a fotógrafa do Museu de Comunicação Hipólito da Costa, muito querida ela, então, eu comecei a ver que tinham pessoas com formação em outras áreas que estavam nestes ambientes, que não eram só historiadores. E a impressão naquela época é que as pessoas eram mais arejadas do que lá no curso. No curso de História eu fiz um movimento também, eu descobri que tinha um grupo de estudos lá em História Oral, uma professora, achava ela muito curiosa, muito articulada a Martini²⁷, a irmã dela²⁸ era professora da FAGED²⁹ e elas estudavam História e lá tinha sociólogo, antropólogo e eu digo que bom, então eu não fiquei tão desconfortável, tão fora daquele grupo. E então, eu frequentei durante bastante tempo, um semestre inteiro o curso da História Oral, depois os grupos de estudo, as reuniões. Aí vêm as férias, eu comecei a trabalhar e não tinha mais tempo. Ah! Eu mandava cartas, depois eu fui conhecer, anos depois, um professor da UEM³⁰ que era da Sociedade Brasileira de História Oral, eu digo: “Vou mandar uma carta.” E ele me respondeu, logo me mandou texto. Eu recebi um arquivo de materiais, então, eu fui construindo também a ideia com essas pessoas que já atuavam em outras áreas: Arquivo de História Oral, o Marc Chagall, o Arquivo da Santa Casa, a SOGIPA³¹. O Memorial da SOGIPA, naquela época, era super bem estruturado, eu visitei *muitas* federações. Eu fiz um trabalho de campo porque eu não estava trabalhando ainda, não tinha sido chamada para assumir disciplinas, aquela história... Tu é chamada no final do ano, ninguém vai te dar uma disciplina em novembro, dezembro. Eu já frequentava a Biblioteca da ESEF e já comecei a fazer contato com a Rosalia³² e comecei a acelerar a Rosalia e nós tínhamos ritmos diferentes... Temos até hoje, eu sempre brinco o que é bom, porque eu sou muito acelerada, eu reconheço isso, às vezes me deixa em situações um pouco difíceis. Eu gosto de tudo para ontem e a Rosalia é uma pessoa extremamente calma, então, a gente foi conseguindo, isso ajudava. Então a gente chamou o professor Washington Gutierrez e

²⁷ Maria Luiza Filippozzi Martini.

²⁸ Rosa Maria Filippozzi Martini.

²⁹ Faculdade de Educação da UFRGS.

³⁰ Universidade Estadual de Maringá.

³¹ Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

³² Rosalia Pomar Camargo.

fizemos várias reuniões e uma bibliotecária a Paulete³³ que era uma pessoa diferenciada, assim, muito organizada e que criou a tal da letra H³⁴. Eu dizia para ela: “Paulete, tu criou a letra H dentro dessa biblioteca”. E essa letra foi a coisa mais importante que as pessoas nunca notaram, ela começou a diferenciar um acervo. Então, ela foi uma pessoa que começou a diferenciar, aqui dentro da Biblioteca tinham obras que eram raras, que eram históricas, sei lá eu o que, qual era o nome, mas era a letra H. Eu brincava porque aquilo ali para mim tinha um significado, então, a gente começou a fazer essas reuniões e eu comecei a chamar professores. É muito curioso que eu nem lembrava quem eram os professores e eu comecei a fazer atas e reuniões. A minha sala era ali onde era o antigo LAPEX³⁵, no ginásio eu tinha uma mesinha ali... Eu fui ver, o professor Marco Vaz³⁶ participou das primeiras reuniões, o professor Alexandre Nunes³⁷, a professora Silvia Amaral³⁸ ela era mais dessa área do Lazer, eu digo: “Silvia vamos trabalhar juntas”. Eu tenho essa característica eu gosto de trabalhar em grupos e eu gosto de trabalhar de forma colaborativa. Eu não sei, todo mundo me diz isso assim: “Nossa como tu é assim da gestão”... Porque eu estou no Pós, agora também e estou me sentindo mais tranquila para fazer a gestão, porque no início eu estava bastante preocupada, e eu resisti muito para aceitar o cargo³⁹. Mas porque eu levei, para onde eu vou eu procuro levar isso. Eu gosto de trabalhar dessa forma e eu penso que cada pessoa tem seu lugar, nós precisamos sempre ter diferentes olhares, experiências, então, eu gosto de trabalhar dessa forma. Então eu comecei a fazer essas reuniões, eu fui olhar, deve ter mais gente que eu não estou lembrando agora, e aí eu falava muito com o professor Rangel⁴⁰ que era o Vice-diretor da Escola que achava estranho. O Rangel veio de uma outra tradição do esporte, o professor Ricardo⁴¹ que é uma pessoa que de fato ele é aberto para tudo, o que é bom e que às vezes, em alguns momentos, não é muito bom. Com o professor Guimarães⁴² eu acho que foi a

³³ Paulete Golbert.

³⁴ A Letra H identifica no acervo da biblioteca da ESEF os livros que compõem o acervo histórico e por isso não é permitido o empréstimo. Apenas consulta local.

³⁵ Laboratório de Pesquisa do Exercício.

³⁶ Marco Aurélio Vaz.

³⁷ Alexandre Veli Nunes.

³⁸ Sílvia Cristina Franco Amaral.

³⁹ A professora está se referindo ao cargo de Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

⁴⁰ Antônio Barbosa Rangel.

⁴¹ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

⁴² Antônio Carlos Stringhini Guimarães.

pessoa assim, que eu enfrentei muita resistência. No início eu ia para as reuniões do Conselho da Unidade e um professor que está até hoje na ESEF - eu não vou citar o nome dele - ele disse assim na reunião: “Como assim?” Na época eu estava pensando em vários nomes, mas não achava o nome: “Eu quero criar um acervo, um arquivo, eu ainda não tenho o nome. É uma ideia de um Centro de Informação e Documentação para preservar a memória a ESEF, é a primeira escola... Eu já estava estudando isso, eu já estava vendo atas, livros, reunindo... Um Centro de Documentação e Informação, esse tipo de coisa. Esse professor disse: “Você tem que colocar isso lá na História e não aqui dentro dessa Faculdade de Educação Física, a senhora está no lugar errado”. Ah! Eu saí super chateada, pensando: “Vai ser super difícil”. Eu era nova e tal, digo: “Não vai acontecer tá complicado”. Mas eu comecei a fazer e a falar com a Rosalia, o professor Camargo⁴³ ... Eu fui tentando trazer professores e mostrar o projeto e divulgar. Eu comecei a fazer eventos, eu me lembro que eu fiz um evento comemorativo sei lá quantos anos da biblioteca e eu trouxe um monte de ex-professores para cá, um monte, infelizmente não se tinha quase equipamentos, uma filmadora aqui na escola era assim *raro*. Gravador! Não tinha nada disso, eu que fui comprar o meu gravador, não consegui comprar a filmadora era muito caro, comprei um gravadorzinho daqueles de fita cassete, grande para poder gravar e tudo e dentro desse evento. Ele era para comemorar, tinha bolo, eu criei um espaço que cada professor tinha que contar um acontecimento que marcou a vida dele. Mas um acontecimento, tipo uma curiosidade, uma peculiaridade, para deixar o ambiente agradável, situações que aconteciam em aula e aquilo, então, mobilizou muita gente porque várias ex-alunas vieram ver seus professores, seus colegas, porque muitos eram daqui, e todo mundo se sentiu muito bem e ficou aquele comentário. E eu acho que a gente fez mais algumas coisas, que eu não lembro, mas esse eu me lembro que marcou a gente fez aqui na Sala de Rítmica e decoramos a Sala. Era eu e a Rosalia e a gente fez tudo. Não foi fácil, a gente fez, era assim: se tu quisesse fazer alguma coisa nessa Escola, tu tinha que começar varrendo a sala, trazendo cadeiras, não tinha essa lógica de hoje, que você vai lá e liga para a infraestrutura ou pede para os funcionários. Éramos nós e os alunos. Eu comecei a dar aula de vôlei, os meninos e o meu monitor, eu falei: “Dá uma ajuda, estou querendo fazer tal coisa”. E o pessoal sempre colaborava muito. Um dos meus alunos eu encontrei ele no Restaurante Bambino, ele é agente da Polícia Federal... Ele foi jogador de vôlei de seleção

⁴³ Francisco Camargo Netto.

de alto nível: “Professora a senhora não está me conhecendo!” “Claro que estou, agora que eu cheguei perto.” Ele era um homem alto, barbudo estava de óculos escuros com o corpo de quem já não joga mais voleibol, casado, ah! Ele me perguntou: “Aquelas caixas?” Me lembro do Eurico⁴⁴ carregador de caixa, o Mauricio⁴⁵ do vôlei que depois virou professor de dança... Alguns que até eu encontrei depois que ajudavam nessas histórias. Foi muito isso assim: “E aí, vai levar para onde? Vai colocar aonde?”. E aí veio toda uma discussão, eu tipo, desencadeie uma demanda. E passou um tempo o professor Guimarães me chamou, quando ele assumiu a direção da Escola. A ESEF tinha umas informações privilegiadas que o INDESP⁴⁶ na época tinha uma verba que algumas instituições no Brasil não usaram... Isso era dezembro e que se a gente encaminhasse até o final de semana um projeto a gente iria ganhar uma verba para o que se tornou futuramente o Centro de Memória do Esporte. O nome Centro de Memória do Esporte surgiu quando eu me aproximei muito do Laércio⁴⁷, do Centro Esportivo Virtual e eu ia a eventos e lugares eu sempre falava: “Laércio, quero fazer isso e aquilo e o nome é um nome muito grande... Centro, vai ver isso lá em artigo sobre Centro de Documentação e Informação, mas é uma Faculdade de Educação Física... Aquela velha discussão Educação Física e Esporte... Tem que ter no título Memória, Educação Física e Esporte”. Estava tentando compor aí ele chegou e disse assim: “Janice, eu entendo essas tuas dúvidas, esse teu conflito, Centro de Memória do Esporte e é isso, é um Centro de Memória do Esporte, está dentro da Escola de Educação Física, é um nome curto tem as palavras... É um centro, tira a documentação e a informação, isso só vai te trazer problemas com bibliotecárias, vai te criar situações... Tem que ter arquivistas, eu estou vendo que tu estás fazendo esse trabalho sozinha, com os teus alunos e uma bibliotecária”. A Rosalia não podia ajudar muito, ela tinha o trabalho dela aqui, ela era uma funcionária da Escola, uma técnica, ela vinha... Era uma pessoa assim: “Rosalia, preciso de tal coisa”. E ela fazia. Nunca fechou portas, pelo contrário, sempre abriu, acolhia as ideias. Isso é importante. Tanto que, com o dinheiro que veio, a gente comprou o alarme da Biblioteca, aquele alarme que tem lá na porta. O Laércio, eu brinco com ele até hoje: “Tu é um padrinho do CEME”. Eu não sei se as pessoas sabem, eu disse para ele, mas se nós temos esse nome “Centro de Memória do Esporte”, o Laercio é a

⁴⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁶ Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto.

⁴⁷ Laércio Elias Pereira.

pessoa que apoiou. “O nome é Centro de Memória do Esporte”. Ai falei com o professor Guimarães e ai ele veio com essa verba. Nós fizemos juntos, eu e o professor Guimarães, eu não tinha a mínima ideia, eu nunca tinha recebido verba para nada. Eu trabalhava com o que tinha aqui, a mesa que eu pegava em algum lugar, a cadeira... Os alunos do PET⁴⁸ dizem até hoje: “Professora, onde a senhora achou essa cadeira?”. “Ah! Eu fui lá num setor, tinham quatro cadeiras, tinham duas pessoas, está sobrando duas, nós precisamos aqui, eu vou lá e recupero”. Já me chamaram até a atenção por causa da história do patrimônio, a gente organizou um espacinho ali que virou o tal do Centro de Memória do Esporte. O Guimarães fez esse projeto junto comigo, ajudou a escolher os materiais. Ele era um homem experiente, ele era um gestor tinha muito mais essa visão assim, e ai ele chegou e disse assim: “Janice o que tu faz?” Eu disse “Professor, eu achava importante a gente ter monitores, uma televisão grande, porque é importante que o Centro de Memória do Esporte tenha uma sala para fazer apresentações de vídeos, de filmes, que todo mundo hoje faz, e que essa sala possa ser usada também pelos alunos da graduação porque não tinha TV nas salas de aula; não tinha quase nada na salas de aula, isso é importante”. Aquela televisão gigante que está lá no LAPEX. E tudo com o aval dele, digo: “Professor, eu preciso gravar entrevistas para criar o Memorial da ESEF, o Memorial da Escola de Educação Física, todos os entrevistados, vai ser um arquivo oral dos depoimentos dos professores”. “Como é que tu faz isso Janice?” “Eu preciso de gravador, de fitas cassetes”. “Quantos?” “X gravadores”. Ele dizia: “Não, está muito tímida. Não, não, Janice tem que ser um projeto grande, bota lá”. Ele tinha uma visão muito diferente e ai fizemos essa lista de materiais. Um dia ele me chamou quando chegaram os materiais. Aqui tinha uma Kombi caindo aos pedaços já, digo: “Professor eu preciso ir buscar materiais nas casas e sozinha eu não consigo carregar todas as caixas, eu tenho alunos que me ajudam e tal”. Ele falava: “Usa a Kombi”. Então eu agendava a tal da Kombi, aquela que não tinha nem cadeira, um banco atrás e os alunos sentados atrás, às vezes ia eu e outro aluno... E eu na frente com o motorista e a gente ia nas casas do Targa⁴⁹, olha eu tenho lá todo esse acervo, veio dessa forma por doações e alguns traziam de carro quando as pessoas tinham carro, a família dizia: “Não, a gente leva lá, já vamos fazer uma visita na ESEF”. Aquelas coisas e aí começou a aparecer coisas e eu tive que colocar em algum lugar e, então, ele ficou lá naquele lugar. Lá era um caos, eu até tenho uma reportagem que veio uma jornalista,

⁴⁸ Programa de Educação Tutorial.

queria fazer uma reportagem sobre dança, um material do Rolla⁵⁰ e ela disse assim: “Eu vou dizer o que eu estou vendo aqui”. Eu digo: “Ótimo, eu gosto da vida como ela é, pode dizer exatamente o que tu está vendo”. Mas ela disse: “Eu vou falar mal desse lugar”. Eu digo: “Pode falar, pode dizer que está em caixa, que não tem funcionário, que não tem acervo, que tu isso aqui foi obtido por doação”. E ela falou lá no texto dela. Eu nunca tive esse tipo de preocupação, era isso mesmo, o professor Guimarães, leu e me chamou: “Janice, o que é isso?” “Professor, ela é jornalista, ela faz o texto e ela perguntou e eu disse que ela podia dizer o que ela estava vendo e, de fato, está nesse estado que o senhor está vendo ai. É isso mesmo!”. “Mas não pode ficar assim, me diz qual é o lugar da ESEF que tu quer que nós vamos botar o Centro de Memória do Esporte”. Nós tínhamos um problema naquela época, um problema sério de espaço aqui. Ele falou: “Janice, mas eu estou vendo que tu está trabalhando muito”. Ele estava sempre vendo, nós estávamos sempre juntos: “Eu vou te dizer assim oh! Nós podemos te dar um espaço dentro do LAPEX”, que era aquele lugar ali que tu conhece também. “Janice, vai ser difícil negociar, mas eu posso te dar a Sala de Rítmica”. Que não era o que ela é hoje, era um lugar enorme assim também velho, que às vezes faziam aula lá... Não se tinha todo essa carga horária, essa demanda que tem hoje. “Só que assim, Janice, vai demorar um pouco porque eu vou ter negociar com professores se tu quiseres esse lugar”. Ai eu disse: “Não”. Eu não sou uma pessoa... não é da minha natureza essa coisa de conflito, eu faço de tudo para evitar qualquer conflito qualquer situação eu disse: “Não, ela é usada para as aulas, tem um projeto de extensão ali”. Ele me sinalizou que, se a gente ficasse ali no LAPEX, seria imediato, então eu tinha preferência por um lugar, embora aquilo ali tu lembra, era escadinha, era sótão sei lá o que eu disse: “Olha professor, eu acho melhor a gente ir para lá, porque é imediato, vai evitar conflitos”. Ele disse: “Janice eu agradeço, eu acho que é uma decisão de bom senso. Vamos fazer assim, vamos começar por ali, mas eu te prometo que futuramente a gente vai ver outro espaço aqui nessa Escola, nós vamos avançar nisso ai, vamos devagarzinho”. E eu disse: “Está bom”. E ele disse: “Eu vou te pedir outra coisa então”... Ele queria colocar o grupo de dança de tradições gaúchas da Anna Stigger⁵¹... “Então, Janice, tu se importa se nos finais de semana o grupo dela usar essa sala também?” Eu disse: “De forma alguma professor”. A aula aqui funcionava de segunda à sexta e eles

⁴⁹ Jacintho Francisco Targa.

⁵⁰ João Luis Rolla.

⁵¹ Anna Cristina Souza Stigger.

queriam construir aquele galpão e tudo mais e ela era muito empenhada nisso, ela era uma técnica antiga aqui. Então, no início eles usavam também materiais do CEME que foram adquiridos com esse dinheiro. Nós compramos papel, gravador, uma série de materiais assim e até depois teve um momento que foi feito um levantamento sobre isso e algumas coisas não estavam batendo de números. Eu digo: “Olha, essa sala não é só do Centro de Memória, ela é uma sala que é compartilhada por outras pessoas que, de fato, eu nem conheço, porque eu não venho aqui aos sábados e domingos e eu também não frequento esses grupos, mas eu também acho que essas pessoas usam esses materiais ou usaram e também eles não tinham recursos para repor, então, eu não vou lá cobrar que me reponham X pacotes disso, outras coisas, eu não vou entrar nesse conflito”. E nem sei como é que ficou essa situação, me lembro que uma época fui chamada. Eu reconhecia assim o empenho dela, depois ela até faleceu, assim foi uma coisa que me chocou porque eu sempre via ela muito ativa, nesse aspecto das danças gaúchas. Então eu acho que o CEME colaborou até para isso, nós ajudamos um outro grupo num momento que não tinha lugar aqui dentro da Escola para desenvolver ali os seus trabalhos e a gente ficou aquele período lá e aí fomos ficando lá.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁵²]

C.M. – Professora, gostaria de retomar a questão do espaço.

J.M. – Não tinha nenhum lugar. Era a gestão do professor Guimarães, ele arrumou aquelas salas, que na realidade era um sótão, não era nem a sala que ela é hoje. Era um lugar bem ruim, muito abafado e as coisas dentro de caixas porque não tinha prateleiras, não tinha mesa, não tinha nada. E eu me lembro que ele dizia: “Tu também fica trazendo muita coisa pra cá”. Porque, na realidade, era meio uma estratégia porque eu não queria perder a oportunidade de receber doações, porque se eu negasse as doações, sabe lá onde alguns materiais iriam parar. E a outra, porque o que configura a existência de algum lugar são objetos, então a gente começou a colocar... Ficava tudo empilhado lá. Nunca se teve funcionário, era eu e alguns alunos que ajudavam. E algumas pessoas que vieram pesquisar aqui, mas apenas tiravam o que elas precisavam e nunca se ofereceram para ajudar. Tu vai ver trabalhos, teses que citam o Centro de Memória do Esporte nesse

período, 1996, 1997, 1998, fiquei ali até 2000, que era mais ou menos isso, as pessoas iam atrás de coisas e elas depois ainda saíam criticando, o que não tem problema nenhum... Não tenho problema nenhum com críticas, felizmente aprendi a lidar super cedo e bem com isso, mas é uma crítica curiosa, porque você vem, tira o que quer, e não dá retorno nenhum, nem mesmo trazer sua tese ou dissertação. Isso acontece em vários lugares. Então, isso é uma coisa importante, até mesmo eu trabalho com isso, que os alunos vão a lugares, acervos e tal, sempre reforço... Sempre reforcei: “Em algum lugar no agradecimento você tem que registrar porque é importante para a biblioteca, é importante para o CEME, para aquelas pessoas que estão ali, é importante você agradecer”. Até nos TCC’s⁵³, porque as pessoas depois elas esquecem que elas conseguiram o que elas quiseram. Então isso é bem importante para esses lugares, para eles terem o reconhecimento e também se afirmarem, quando forem fazer algumas reivindicações, mostrar que esses lugares têm um número X de usuários, tudo isso. Então ficou ali, depois de um tempo, a gente fez aquela reunião que ele ofereceu a Sala de Rítmica, para sair dali, que levaria um tempo, ele disse que teria que negociar, porque iria ter bastante confusão com alguns professores. Até porque, nós entramos em tratativas de receber acervos de outros lugares... O acervo do CBCE, o do Leonardo Tartaruga⁵⁴, ele até era aluno na época do movimento estudantil porque eu fiquei sabendo que o professor Kunz⁵⁵, a casa dele foi invadida por um metro d’água e tudo alagado. Aí eu falei com o Guimarães para trazer para cá; o seu Henrique Licht⁵⁶ já estava mais flexível porque quando eu o procurei, a primeira vez, que eu fiquei sabendo que ele era médico, que ele já tinha trabalhado aqui, eu vi que foi bem difícil, porque ele tinha uma relação com a ESEF até eu acho que de mágoa, o que acontece com muitas pessoas. Elas saem daqui, não são reconhecidas, se aposentam num dia e nunca mais. E também, ele fez parte de uma época, de um momento político que as coisas foram complicadas... Aí eu tentei criar algumas situações para trazer ele de volta para cá, ele também já idoso, que ele fosse recebido pelo diretor da Escola. Comecei a tentar que reconhecessem ele... Ele fazia um trabalho, foi professor daqui. Eu fiz com outras pessoas que eu não lembro... O professor Guimarães sempre aceitou super bem isso, então, eu comecei a trazer e até no sentido que essas pessoas fizessem doações e

⁵² Interrompemos a primeira seção da entrevista nesse momento e retomamos no dia 27/03/2015.

⁵³ Trabalhos de Conclusão de Curso.

⁵⁴ Leonardo Alexandre Peyré Tartaruga.

⁵⁵ Elenor Kunz.

também tem a questão do apego, as pessoas ficam anos colecionando, eu entendo, guardando, e as pessoas ficam apegadas naquilo ali, elas também querem saber para onde vai... E não se tinha um lugar bom para mostrar, isso dificulta também. Eu fiz esse tipo de trabalho, eu o conhecia, ia à casa dele, ficava a tarde conversando, fui várias vezes. Fui a casa dele, na casa do seu Lélío⁵⁷, da Olga⁵⁸... Eu visitava a casa das pessoas e tentava fazer com que a direção as recebesse. Deve ter registrado isso em algum lugar, eu registrei algumas coisas. Então o Guimarães entendeu, começou a perceber, ele disse que estava vindo muita coisa, as pessoas querem doar, por isso a ideia da Sala de Rítmica. A gente ficou lá, só que isso foi em 1998, 1999, e no final de 1999, eu já estava querendo começar a fazer meu doutorado porque eu não tinha doutorado quando entrei aqui, dava aula, trabalhava. E eu comecei a perceber que o CEME para montar, toma tempo, muito tempo. Então eu dedicava muito tempo para isso e muitos professores doutores, quer queira ou quer não queira, o título fazia uma diferença. Comecei a me dar conta disso, tu trabalha, trabalha, trabalha, mas chega na hora tu esbarra nessa questão do título, tu não consegue concorrer a um edital, mesmo nas reuniões eu comecei a entender. A ideia do que é ser produtivo e o que é ser doutor, parece que se você tem um título de doutor você já alcançou, que não é bem assim. Enfim, em 1999 eu comecei a perceber e ver isso. Então comecei a circular dentro da FACED, inicialmente eu pensei em fazer o doutorado dentro da Educação, alguma coisa ligada à História da Educação Física e muito à história da ESEF porque eu já tinha lido materiais. Comecei a circular lá, conversei com professores, fui aluna do professor Trivinos⁵⁹, fiz a disciplina como ouvinte. Fiz várias disciplinas no doutorado, só que ele foi bem claro comigo: “Eu tenho uma fila de aproximadamente onze pessoas, tu vai entrar e vai demorar alguns anos para isso”. Ele achou muito interessante, mas teria a fila de espera, que é o que acontece até hoje, só que hoje não tão grande. E aí também, comecei a circular na História, que eu estava já no grupo de estudo, tudo que eu achei que era outra área... Nesse tempo apareceu a oportunidade da Universidade do Porto em Portugal, e eu queria começar logo isso, eu já estava cansada de trabalhar muito, de fazer muita coisa, e eu via que já estávamos em 1999, muita gente com doutorado aqui. Em 2000 eu me afastei, engatilho um doutorado, não era exatamente o que eu pensava, mas o

⁵⁶ Henrique Felipe Bonet Licht.

⁵⁷ Lélío Soares Araújo.

⁵⁸ Olga Valéria Kroeff Echart.

⁵⁹ Augusto Nivaldo Silva Triviños.

professor Rui⁶⁰ aceitou que eu queria trabalhar com História, só que daí eu fiz um movimento, eu caminhei para a História do Esporte porque ele era alguém da Antropologia do Esporte. Acabei não me envolvendo com a História da ESEF da formação de professores. Anos depois a minha primeira doutoranda⁶¹ fez isso, gostou do assunto, ela já tinha estudado a História, ela vinha do mestrado na área da Educação. Me convidou para a banca de mestrado, ela estudou a história da primeira instituição do estado de Santa Catarina e eu disse para ela tentar fazer a História da ESEF, aí fechou, a Vanessa fez isso. E eu acabei me deslocando para o campo da História do Esporte, para tentar. O Porto era uma Faculdade de Educação Física e do Desporto, o desporto lá é muito forte. Então eu acabei fazendo doutorado nessa área, foi muito bom também, eu acho que doutorado é isso, você precisa fazer ajustes, tenho muito claro hoje o interesse do orientador e da instituição e tudo mais. Foi a época que eu saí do CEME, e o CEME estava lá ainda, demorou muito para sair dali, demorou bastante tempo, e não era nessa Sala de Rítmica inicialmente porque não era uma sala, foi em sala de aula e tudo. Era essa outra sala aqui, depois ele foi para aquele canto. E eu me afastei... Eu me afastei porque eu fui fazer doutorado, aí não acompanhei mais, depois eu voltei. Eu tive só dois anos de afastamento e sem bolsa, justamente por isso, depois eu terminei, eu fiz os últimos dois anos do meu doutorado sem bolsa, nunca tive bolsa de doutorado, e trabalhando. Que dentro do regimento interno, tem, eu acho que tem até hoje, porque eu tive a Diná⁶² que era professora, é um estímulo de redução de carga horária, o professor só se dedica para as aulas de graduação para poder fazer isso. Então foi essa época, daí eu não acompanhei mais, eu me afastei bastante do Centro. E também o doutorado nas condições que eu fazia, não era fácil, fazendo disciplinas para tentar orientar, ele me ajudava bastante, mas vinha com o viés da Antropologia. Então isso foi bem complicado, mas fomos tentando se ajustar e fazer a tese. Esse distanciamento do Centro, da Escola, me fez enxergar coisas que eu não via, quando você está envolvida, trabalhando, trabalhando, tu não percebe. E quando eu voltei, eu nem me lembro quando... Eu terminei em 2003, eu usei os quatro anos para fazer, fiz tudo certinho, tinha que ser tudo no prazo, eles tem muitas regras. Eu voltei, e fui fazer outras coisas aqui dentro, até nem me lembro de mais. Quando eu entrei com que eu me envolvi? Porque eu sempre estive envolvida em cargos administrativos, ou eu fui chefe

⁶⁰ Rui Manoel Proença Garcia.

⁶¹ Vanessa Bellani Lyra.

⁶² Diná Pettenuzzo Santiago.

de departamento, ou fui chefe substituto, ou eu era da comissão, mas eu nunca quis isso. Na realidade um período eu queria porque eu achava interessante e queria conhecer a instituição por dentro, depois quando eu comecei a ver exatamente... Que é sempre aquela situação: alguém te recomenda, pede, vem falar contigo antes, muitos professores não queriam, e tu tem que colaborar. Então acabei muito envolvida com isso e fui tentando desdobrar um doutorado, de fato é muito curioso. Quando eu terminei o doutorado, fiquei muito satisfeita de ter terminado e ter cumprido, porque não é fácil, sem bolsa. Eu tive que fazer muito investimento do meu bolso, vendi meu carro, tudo isso para fazer o doutorado. Você fica muito satisfeita que atingiu, mas por outro lado, eu fiquei muito insatisfeita porque não é só a questão de você ter um título, é o teu trabalho, o que tu faz. Comecei a olhar para a minha tese, ai eu disse assim: “Tem muitas coisas aqui, agora vou fazer um ajuste de contas” [risos]. Muitas coisas que deveriam ter sido feitas, que eu deveria ter estudado mais, ter lido mais, ai eu entrei nesse processo, meio estranho, ele te trás insatisfações e também eu quis me distanciar da Escola. Também tive problemas de saúde, problemas pessoais, então, eu me distanciei do CEME, uma coisa bem estranha, que eu nunca... Eu tenho um pouco essa característica, eu quando me envolvo em uma coisa, tipo assim, eu estou em um cargo agora, eu realmente dedico o máximo possível que eu posso para aquilo, as condições e tudo, sou responsável, resolvi assumir, eu vou pegar. Quando eu encerro aquilo, eu encerrei. Eu trabalho assim: eu encerrei aquela missão, eu me comprometi, eu encerrei, faço a transição e acabou. Então em tudo é assim. Tanto que quando, vieram pedir para assumir o Pós, falaram: “Mas você já foi vice-coordenadora!” Eu disse: “Eu fui minha gente e hoje eu não sou mais, hoje são outras pessoas que estão lá e que devem conduzir o trabalho e conduzir da forma como elas entendem que deve ser conduzido”. E eu me afasto mesmo. Então em tudo, nos cargos administrativos, até nas disciplinas, eu já mudei bastante de disciplinas como professora. No início muito a contra gosto, eu sou concursada na área do vôlei e a gente demora muito tempo para amadurecer uma disciplina. Mas vem o coordenador da COMGRAD⁶³ e pede: “Janice, tu tens que me ajudar, estou precisando, ninguém quer”. E é uma pessoa que tu tem consideração, que tu vê que está fazendo um esforço, trabalhando, então, eu posso ajudar, ai tu pega. Eu já trabalhei com Voleibol, Bacharelado em Lazer, Estágio, Campo Profissional, Introdução. Quando mudou o currículo: “Janice, tu vai ter que assumir Estudos Socioculturais”. Eu

⁶³ Comissão de Graduação.

achava que sim, mas uma, só que assumi duas e de um semestre para outro... E me tiraram totalmente a outra. Foi uma negociação meio... Porque tu também te apegas às disciplinas, aos conteúdos.

C.M. – Tu prepara né?

J.M. – Tu prepara. Então isso acaba prejudicando teu desempenho, tua avaliação como professora, e eu acompanho isso, pois eu acho importante tu ser reconhecido como um bom professor, não precisa trabalhar com conceitos... Eu tenho colegas que dizem: “Tu vê a avaliação é cinco e eu fiquei com quatro”. Eu fico muito satisfeita quando eu atinjo os patamares do quatro, eu não preciso trabalhar com cinco, mas também abaixo de quatro eu já começo a ficar incomodada, aquilo ali me gera desconforto, fiz coisas erradas, algumas coisas não estão bem. Porque eu fiz concurso para ser professora, eu sou professora, primeira coisa que eu me identifico é *ser professora*, é dar aula, atuar na graduação. Eu levei dois anos pra poder ingressar na pós-graduação, me gerava um pouco de preocupação, porque a pós-graduação era um diferencial, mas por outro lado também não era a minha meta número um, ela era umas das atividades que eu entendia que um professor deveria fazer. E eu procurei nunca me desvincular das minhas atividades, em alguns momentos enfraqueceu muito a minha extensão, mas eu sempre procuro ter ensino, pesquisa e extensão. Porque eu venho de uma formação que eu acho que é nessa lógica, eu não julgo os outros colegas que tem um único caminho, porque eles vieram de uma formação universal, que é diferenciada completamente da minha, então, não passa na cabeça dele fazer extensão ou tentar articular. E às vezes não é da pessoa, do próprio perfil, mas eu não. Então, na realidade, depois que a gente fez aquela entrevista⁶⁴, eu estava tentando lembrar, eu acho que quando eu voltei do doutorado, não sei se logo depois ou um tempo depois, a Silvana me convidou para trabalhar no CEME, e se tu me perguntar por que eu não fui, hoje nem eu sei te dizer. Ai eu comecei a pensar assim: tu vê o que uma entrevista faz com a pessoa... a Silvana me convidou para voltar a atuar no CEME, não me lembro em que época foi, mas foi claro, quando eu voltei para a Escola, quando eu já estava com o título de doutora em 2003, 2004. Porque lá em Portugal demorou muito para eu defender, eles não têm uma preocupação de urgência e isso teve implicações em várias coisas, mas

⁶⁴ A professora Janice se refere ao primeiro bloco dessa entrevista.

são eles quem decidem e acabou. Eu por exemplo, agora como coordenadora⁶⁵, eu sou muito preocupada com os prazos... Porque isso faz diferença para o meu aluno ir fazer um concurso público, faz diferença para a minha aluna na instituição que ela está a passar a receber como doutora, eu enxergo para além disso. Mas lá, eles não tinham... Até porque é uma universidade fora daqui, eles se surpreendiam com algumas coisas daqui, eu tinha que ficar explicando, eles não entendiam. Às vezes eu dizia: “Não professor, o funcionamento lá é assim”. A relação era bem hierárquica, não se conversa sobre determinadas coisas. Eu acho que por tudo isso, quando eu vim, eu não quis me envolver em nada porque o doutorado foi bem pesado. Também os problemas pessoais que eu tive e esse distanciamento da ESEF, me ajudou a enxergar a ESEF em uma outra ótica que eu não gostei muito de ver algumas coisas. Eu acho que a gente deve profissionalizar o máximo e as relações nunca passam muito por aí, não sou nem eu que digo, tem colegas que dizem que até hoje, muitas coisas faltam critérios, clareza, transparência, aquela visão meio amadora, não fazendo relação com o esporte. Eu acho que não aceitei por isso, eu estava em um momento muito ruim de pós doutorado⁶⁶. O pós-doutorado para mim foi longo para digerir tudo isso. E também por essa característica minha, eu trabalho em um projeto e deu, que nem quando me ligaram e pediram: “Tu não quer trabalhar no Atlas do Esporte no Brasil?” Eu respondi que queria conhecer, pois gosto de desafios e coisas novas. Conheci, e pediram: “Tu ajuda ai, tem uma mulher que está trabalhando no bolão⁶⁷ e ela nem sabe o que é”. Eu me lembro, era uma professora, ela era mineira eu acho, ela me ligava, muito querida, falava: “Eu não conheço muito bem, sei que é de vocês, gaúchos”. Então, eu trabalhei. Terminei aquele projeto com Lamartine⁶⁸, deu. Eu me lembro que convidavam: “Olha o grupo, quer te inserir...” Eles se reuniam às vezes no Rio de Janeiro, eu poderia ter ido. Depois teve o pessoal da UNICAMP, e também tudo é muito distante. Às vezes as pessoas falam... Os Engenheiros do Hawai⁶⁹ tem uma passagem assim: “Longe demais das capitais”, eles tem toda razão. O pessoal da UNICAMP lá tinha o grupo do Gebara⁷⁰, teve uma época que fizeram contato, eu tinha uma relação bem mais próximo com o Wanderley

⁶⁵ Na época a professora era coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano.

⁶⁶ Pós-doutorado aqui se trata do período após o doutorado.

⁶⁷ Prática esportiva tradicional no Rio Grande do Sul.

⁶⁸ Lamartine Pereira da Costa.

⁶⁹ Referência a banda de Pop-Rock.

⁷⁰ Ademir Gebara.

Marchi Junior, ele trabalhou com o Voleibol na tese, a gente se conheceu na época que ele estava fazendo a tese, conheci algumas pessoas de lá. E houve também: “Olha Janice, tu quer...” Eu dizia: “É muito difícil, eu moro em Porto Alegre, me deslocar daqui para lá, o salário... Eu era professora mestre, não é assim, não é que nem vocês, que tu está ali em Campinas e o outro em São Paulo...”. Sabe, e essas coisas e eu comecei a pensar sobre essas distâncias, hoje elas estão mais facilitadas, e nem tanto assim, eu vejo as dificuldades também, o custo para ir em um evento, é caro, tu tem que ponderar tudo isso, alojamento, alimentação, quando tu soma tudo isso. Então, na época o pessoal me convidou, tinha uns eventos que eles traziam, eles criaram um seminário do Norbert Elias e eu acho que não fui a nenhum, e também tu é muito absorvida pelo trabalho de aula aqui. Em 2006 eu assumi a tutoria do PET, eu tive que aprender um outro caminho... Foi bom, foi um desafio. Outra coisa, sou assim...são projetos, agora já estou saindo, estou em fase de desapego, é que eu não tenho muito essa característica, eu não sei se alguém... Eu fui ensinada, porque tu é educada. Por exemplo, eu fui jogadora de voleibol até 2011, em 2011 tive uma lesão, então, decidi que eu não ia voltar a jogar voleibol, tive uma lesão grave no joelho fiz a cirurgia, eu tenho várias colegas que tiveram não uma cirurgia como eu, mas duas, uma em cada joelho; outra tem dois joelhos e tornozelo. A maioria voltou a jogar, eu não, eu sou assim. Como eu tenho uma história no esporte, eu tenho hábitos que consideram saudáveis, nem sei se são saudáveis, às vezes eu me arrependo de não tomar uma cerveja, dar uma deslizada [risos]. Minha recuperação foi facilitada, então, eu poderia ter voltado, mas não. Eu decidi que não vou mais fazer isso e eu nunca mais entrei em uma quadra, eu nunca mais fui aos campeonatos, eu não vou nem assistir jogos. Eu decidi que eu não queria mais fazer isso, e as pessoas dizem assim: “Como?” Eu até estava ajudando uma colega minha que fez cirurgia, que falava: “Estou mal, tu vê, não posso mais jogar vôlei”. Ela meio que se deprimiu, eu não vou te dizer que eu não me abalei, mas resolvi muito rápido, eu tenho essa característica. O PET eu já estou desapegando há muito tempo porque eu tenho um pensamento assim: “Eu estou aqui agora, isso é apenas uma parte da minha vida, e é um momento da minha vida que eu vou lembrar futuramente como memória, porque o que fica da gente são as boas memórias, e as más também”. Mas a gente tem que trabalhar para que a gente se liberte disso, de algumas coisas. Então, de certa forma eu faço essa transição em tudo, o CEME, o Atlas do Esporte, esse grupo. Claro, eu avalio as perdas, a gente sempre tem ônus e bônus. Eu tive, por exemplo, por não ter me envolvido com esse grupo de

repente hoje eu poderia estar em um estágio acadêmico de produção bom, melhor do que eu estou, certamente porque eu estaria convivendo...Eu estive em um evento de história lá de Londrina, até conversei com o Gebara, um pouquinho, conversei com o Wanderley, e você estar em grupos, às vezes te acelera determinados processos, mas por outro lado eu fiz caminhos que eu não teria me envolvido, que eu gosto dessa história que eu acabei fazendo por aqui. Então, é um pouco isso assim, essas coisas do CEME. E o CEME para mim passou a ser um lugar de consulta, já há muito tempo. Na realidade ele virou como a biblioteca, porque o CEME já esteve lá dentro da biblioteca, a gente tentou uma estratégia para se fortalecer na época, juntar tudo, tentar fazer com que as coisas que são diferentes e estão em lugares diferentes, mas elas caminham juntas para tentar fortalecer o CEME e a própria Biblioteca, que tinha muita dificuldade também, de ter bibliotecárias, de ter recursos. Hoje, olhando a Biblioteca, em relação aquele período que eu acompanhei, a impressão que eu tenho é que a Biblioteca está muito melhor, está bem mais assessorada, olha quantas pessoas tem lá dentro trabalhando... Não era nada disso, por isso que a Rosalia, não é que ela não queria, ela não tinha tempo para me ajudar, era ela, não tinha essa coisa de bolsistas. E quantas bibliotecárias tem lá dentro? Tem a Ana⁷¹, a Ivone⁷², a Elaine⁷³, a Cintia⁷⁴, a Naila⁷⁵, o Paulo⁷⁶. Não era nada disso, a Biblioteca era configurada em uma pessoa só, a maioria das coisas eram assim. Quando falava CEME, era eu, o CEME de 1996, quando eu vim morar aqui por junho até 2000 quando me afastei. O CEME era a Janice, a Biblioteca era a Rosalia, os espaços, a história da ESEF era nessa configuração, felizmente isso mudou, e deveria mudar muito mais. Eu acredito que se vocês tivessem mais técnicos, mais bolsas, vocês poderiam fazer um trabalho muito melhor do que já fazem e eu acho que já fazem muita coisa. Quem conhece, porque eu conheço esse trabalho, isso é um trabalho de formiguinha como eu chamo, um trabalho que não aparece, que não computa em lugar nenhum, não é considerado ser produtivo na lógica de nenhum dos órgãos de fomento, eu já tinha percebido isso. Porque o ser produtivo dentro das instituições de ensino superior também mudou muito, você estar em um cargo administrativo, onde que conta ponto isso? Para a tua progressão funcional, só, ser

⁷¹ Ana Cristina de Freitas Griebler.

⁷² Ivone Job.

⁷³ Elaine Corrêa.

⁷⁴ Cintia Cibele Ramos Fonseca.

⁷⁵ Naila Touguinha Lomando.

coordenadora do CEME, ser vice-coordenador, enfim estar em cargos, LAPEX também... Olha a demanda que tem ali, as reuniões, tudo isso, a própria ideia de ser produtivo mudou. São as regras do jogo e é isso que as pessoas se preocupam. Então, melhorou muito, mas certamente se tivesse mais pessoas, muitas outras coisas poderiam ser feitas, e às vezes, até um aluno falou: “Ah, professora que bacana esse documentário que a senhora mandou”... Assistimos em aula o documentário do Willy Seewald⁷⁷ ... Ele é bolsista lá do CEME, aí ele disse: “Que bacana, lá no CEME a gente grava entrevista, mas eu acho que seria muito bacana se a gente fizesse documentários”. Eu disse para ele: “Mas eu concordo contigo, eu também acho, eu vou te contar como é que saiu esse documentário, um grupo...”. Daí comecei, porque essa é a realidade. “Porque se não tivesse acontecido isso, nós não estaríamos aqui vendo esse documentário, porque tu precisa de pessoas, precisa de equipe, de bolsistas, precisa de recursos”. E é obvio que as pessoas percebem que outras ações poderiam ser feitas para além de gravar entrevistas e transcrever, para alguns parece pouco, mas para tudo isso você precisa de uma estrutura. Acho que até isso é bom mostrar, fazer as pessoas pensarem sobre isso. Eu procuro fazer isso dentro da minha disciplina “Estudos Socioculturais II”, o pessoal diz: “Ah... escrever um livro de memórias”... Eu digo: “Sabe quanto tempo aquela pessoa precisou investir para coletar fonte? Para gravar uma entrevista, você acha que é só chegar lá e gravar? E quando não grava?” Já tive problema com um aluno, o aluno não gravou: “Mas professora, estava aqui...”. Daí volta lá, explica para pessoa que não gravou nada do que ela falou. Então assim, eu acho que o CEME hoje... As diferentes datas de fundação... sempre é um problema isso. As diferentes datas de fundação.

C.M. – Isso eu ia te perguntar.

J.M. – Eu poderia colocar várias datas de fundação, depende do que se entende por data de fundação. Eu comecei a trabalhar aqui em julho de 1996. Eu saio da Universidade Federal de Santa Catarina no meio do ano, eu poderia ter permanecido lá até o final do ano, mas eu terminei o semestre e comuniquei que eu ia sair de lá. Até hoje isso me gera uma dúvida muito grande. A universidade ela funciona por semestre e não por ano, então, dentro dessa

⁷⁶ Paulo Peres.

⁷⁷ Referência ao documentário “O admirável lançador de dardos”, que narra a vida de Willy Seewald, único gaúcho a participar dos Jogos Olímpicos de 1924 em Paris.

lógica não teria problema nenhum. O professor pode pedir demissão, aliás, você pode pedir demissão a hora que você quiser. Obviamente tem a questão moral que você não vai fazer isso com a universidade. Então foi uma decisão muito difícil para mim, parar no meio do ano. Obviamente se eu ficasse lá até o final do ano eu teria recebido o salário de um semestre, vários meses que eu perdi, que eu fiquei sem receber. Tinham sinalizado que iam me chamar aqui e eu, como uma jovem professora, como acontece com muitos achei que imediatamente eu iria assumir aqui, porque tinham sinalizado. Tomaram decisões pela burocracia ou pelo sistema, não me chamaram e optaram por manter um professor, ou não foi uma opção, foi o sistema que funcionava assim. Eu tive essa lacuna, eu tive perdas financeiras e de tempo de serviço, bem complicadas. Por outro lado, eu vim para cá e comecei a trabalhar. Eu não tinha vínculo nenhum, não recebia salário de lugar nenhum. E eu comecei a construir o projeto, uma coisa um tanto estranha. Que só dentro das universidades isso acontece. Oficialmente eu tenho o registro ali em dezembro de 1996. Mas de fato eu sou invisível. Mas tem várias atas, ações e atividades que a gente fazia assim. Eu poderia dizer então que o CEME começou a ser montado em julho de 1996, essa é uma data. Quer outra data? Em dezembro de 1996, quando oficialmente eu assino.

C.M. – Você entrou então em 1996?

J.M. – Assino os papéis na UFRGS em dezembro de 1996.

C.M. – Eu tenho uma data também de janeiro de 1997.

J.M. – Não sei de onde saiu isso. Pode ser que isso esteja ligado ao seguinte, sabe que a escrita ela é atualizada... Só para você ter uma ideia, eu fui uma vez num evento aqui na ESEF, e um professor estava falando de suas ações e uma das ações dele foi a criação do Centro de Memória do Esporte. E eu estava sentada, era uma reunião de professores da Escola, eu estava sentada na sala, e eu não gosto muito de sentar na frente, eu sento do meio para trás, foi muito curioso porque várias pessoas viraram para trás assim e me olharam. Obvio que eu fiquei quieta em silêncio. Cada um diz o que quer, e às vezes, o que necessita, principalmente quando as pessoas estão buscando apoio e tudo mais. Para mim não tem problema, mas até porque estranha, as pessoas vieram conversar comigo, mas de

fato essa pessoa ajudou, mas ajudou porque ela estava num cargo ali. É a mesma coisa: eu, como coordenadora do Programa de Pós-graduação hoje, vem um colega e diz: “Janice, eu preciso de apoio do pós para esse evento, para criar esse projeto ou esse programa aqui”. Obviamente enquanto gestora, enquanto coordenadora do programa, eu estou na coordenação junto com meu colega, professor Alexandre⁷⁸, nós temos que apoiar. Nós levamos para a comissão, a comissão vai dizer: “Sim, nós vamos apoiar enquanto comissão”. Então, nós vamos apoiar, é isso que nós vamos fazer. Nada mais do que isso. Mas enfim, é esse tipo de coisa. Então, talvez, pode ser isso. Ou porque como eu ingressei em dezembro, e aí pegou todo esse período de Natal, dezembro é um mês complicado, a primeira quinzena está tudo funcionando bem depois começa... Eu sempre digo: “É o espírito de Natal”... E parece que aí não se pode mais fazer nada, nem trabalhar, nem se reunir e nem resolver. Porque tem que se resolver as coisas, infelizmente. Eu inclusive já estive aqui dia 26 de dezembro, fui chamada pra uma banca de TCC⁷⁹. Talvez, Christiane, tenha sido por esse motivo. Porque as pessoas na segunda quinzena de dezembro já é o Papai Noel ditando as coisas, então, já vai para 1997. Oficialmente é quando começa o ano na lógica de alguns, na lógica de outros é só depois do carnaval no Brasil. Se ouve muito isso.

C.M. – Teve algum projeto de extensão antes de 2000?

J.M. – Sim.

C.M. – Já em 1997?

J.M. – Sim, eu fui aconselhada. Porque eu queria transformar o CEME em alguma coisa. Eu não conheci muito a estrutura, aí me disseram: “Tu pode transformar ele num órgão auxiliar”. Porque só tem dois órgãos auxiliares aqui na escola: o Centro Natatório, que é uma coisa muito estranha, mas dentro daquela lógica da universidade quem sabe aquela época... Ele era o Centro Olímpico, tinha projetos e tudo mais e o LAPEX. Aí a própria direção, professores, chefias me disseram: “Janice, tem que começar a trabalhar para que isso se configure como órgão auxiliar”. “Mas como é que faz isso?”. “Vai ter que sair atrás

⁷⁸ Alexandre Simões Dias.

das informações”. Alguém disse assim: “Quem sabe, Janice, você também registra isso como um projeto de extensão”. Ai eu registrei, mas eu acho que já foi 1998, porque todo esse ano de 1997 eu estava nesse movimento de tentar saber, conversar, eu ia muito nas reuniões. “Eu posso ir na reunião apresentar o projeto para os professores conhecerem?”. Estive em algumas reuniões assim. Até que alguém chegou e disse: “Cadastra como projeto de extensão, tu começa como projeto de extensão”. E eu dizia: “Mas ele não é só de extensão, ele tem que desenvolver pesquisa, também tem que desenvolver as atividades de ensino para a graduação”. “Mas começa como extensão e depois a gente vai pensando a ideia para que ele se torne um órgão auxiliar porque daí vai ter todo um destaque, vai ter outra estrutura, que é a estrutura que tu precisa, porque desse jeito tu não vai conseguir fazer nada, não vai ter funcionário, tu não vai ter bolsas, alunos, não tem como, ele não está em lugar nenhum”. Eu disse: “Então tá”. Eu fiz isso. Fazia isso, apresentava nas reuniões, ia em eventos, foi um período de tentar dar visibilidade, divulgar, de convencimento que eu chamo, de mostrar e foi interessante, porque funcionou, porque no fim eu comecei a não ter mais que correr tanto. As pessoas diziam: “Teu projeto é muito bacana. Que bom!”. Não tinha apoio, não tinha dinheiro, mas tinha essa visão e isso é importante também. Foi mais ou menos isso que eu me lembro. Ele é um projeto de extensão. Eu me vinculei à Sociedade Brasileira de História Oral, para poder também mostrar que tinha. Eu ia a muitos, muitos e muitos eventos. Você não faz ideia da quantidade de certificados que eu tenho de arquivologia, seminários de conservação ou alguma coisa assim... Onde tinha alguma coisa ligada à memória, preservar, acervo, museu, eu estava. Participei de muitos eventos, como uma forma de divulgar e pegar apoio, e entender como que os outros lugares funcionavam para tentar criar um modelo aqui com o nosso. Porque não tinha modelos na Educação Física Brasileira, não tinha nada. Quando o Victor Andrade de Melo esteve aqui, conversei com ele porque eu sabia que ele era da Unicamp⁸⁰.

C.M. – Ele já tinha doutorado?

J.M. – Não me lembro, acho que ele recém tinha terminado o doutorado dele. Porque a formação dele é parecida com as de hoje, a formação dele foi dentro da universidade. A

⁷⁹ Trabalho de Conclusão de Curso.

minha vida foi diferente, primeiro eu trabalhei fora, para depois prestar concurso. Eu me lembro que ele era muito jovem, a formação dele era meio que de estudante profissional, sei lá como se chama, que é o que a gente tem hoje. É muito criticado, mas isso já vem de muito tempo. As pessoas fazem essas trajetórias. Conversei com ele, eu me lembro, porque ele era do Rio de Janeiro, tinha estudado em Campinas, para ver se tinha algum modelo, algum formato, trocar ideias e ele disse: “Não, não tem nada. Não conheço nada”. E eu tinha a ideia da nucleação, o que era a nucleação? Olha minha pretensão... Criar o Centro de Memória do Esporte aqui na ESEF da UFRGS e nos outros lugares não criar centros, criar núcleos e a gente seria uma rede, com todos interligados. Eu já tinha visto um modelo assim em outras áreas, que não funcionava muito bem também. A ideia era as pessoas fazerem algumas parcerias para evento e tal, se apoiarem. Ele disse: “Não tem, não conheço nada assim na Educação Física”. E claro, tu apresenta um projeto, que tu é o centro... Eu não dizia eu, eu dizia a ESEF, a UFRGS, porque era aqui que estava surgindo. Já tinha tentado em vários lugares não consegui, fiz uma peregrinação... [risos]. E depois, por isso que eu fiz várias tentativas de trazer acervos para cá. Que não se conseguiu, porque eu não tinha relações, porque o acervo é um pouco isso. O acervo do movimento estudantil, não veio para cá aquela época. O acervo do CBCE⁸¹, falava com o Kunz⁸², com algumas pessoas que até achavam interessante, mas daí diziam: “Peraí só um pouquinho, mas o acervo vai ficar sobre o poder de vocês?”. E a ESEF naquela época tinha pessoas de áreas..., o diretor da escola era o Guimarães⁸³, da Biomecânica, Ricardo⁸⁴ da Aprendizagem Motora. Isso era complicado, não é? As pessoas estão ligadas às áreas, daí já se entende ... Mas o professor Guimarães disse: “Janice, inclusive eu vou te dar uma verba se eles aceitarem”. Eu tenho umas cartas lá, uns documentos que eu tentei. E eu me oferecia também. Quem mais? Tem mais alguém. E o próprio senhor Licht⁸⁵, que só veio depois quando a Silvana já estava na coordenação. Mas as tratativas começaram ali, porque é mais ou menos esse o processo mesmo. Tudo é assim. Porque, por exemplo agora, eu estou na gestão do Pós, tem a Comissão de Reformulação Curricular, tem Comissão para rever as regras... Tu acha que em dois anos vai se resolver? Vai demorar, porque as pessoas

⁸⁰ Universidade Estadual de Campinas.

⁸¹ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

⁸² Elenor Kunz, um dos ex-presidentes do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

⁸³ Antônio Carlos Stringhini Guimarães.

⁸⁴ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

⁸⁵ Henrique Felipe Bonnet Licht.

precisam de tempo para preparar, elaborar um projeto, uma proposta, depois nós teremos inúmeras reuniões de conselhos, os processos são longos assim. Eu demorei um pouco para entender isso porque eu sou uma pessoa que eu gosto de fazer, mais de fazer do que de falar. Para mim é um custo ter que falar, eu gosto de fazer. É isso que me dá mais satisfação, de ver as coisas mais concretas. E aquilo me gerava também muita angústia, isso foi um dos motivos também que eu digo: “Trabalhei tanto, investi tanto tempo e o CEME continua nessas condições”. Julho de 1996, eu sai em março de 2000, e as condições ainda não tinham mudado muito. Não tinha conseguido prateleiras, não tinha funcionário, bolsistas... Entendeu? Olha, Chris, não é brincadeira não. E eu investia, pegava meu carro, eu ia nos lugares, eu pagava para trabalhar em alguns momentos porque a Escola também não tinha condições, então, aquilo também me gerou uma certa frustração. E eu tenho um pouco isso, com os anos eu fui tentando entender, que aquilo que eu planejo para se resolver em um ano vai levar dois, o que eu estou pensando que vai se resolver em dois, vai demorar no mínimo três, no *mínimo*. Porque eu sou um pouco imediatista, é um dos meus defeitos, das minhas limitações é essa. Então quando as coisas começam a demorar muito, aquilo começa a me incomodar. E na universidade pública tudo é assim. Eu acho que tudo emperra por causa das pessoas, as pessoas trabalham em outros ritmos. Elas não trabalham no mesmo ritmo e também não fazem os mesmos investimentos, então, quando aquilo tudo começou a demorar e demorar e demorar... Diziam: “Daqui a dois anos a sala”. Eu dizia: “Mas tem que ter gente lá...E a própria biblioteca está carente. Quem sabe se colocar uma pessoa lá na biblioteca, essa pessoa cumpre uma parte e ajuda, porque eu reconheço que a biblioteca está carente também, e faz a outra parte para nós, pelo menos para limpar e colocar nas prateleiras...”. Quantos anos demorou para criar aquele espaço ali de acervo? Para colocar nas prateleiras? Nem organizado estava, não sei se está, não acompanho. Estamos em 2015. O CEME vai fazer vinte anos, eu fiquei quatro anos ali de 1996 a 2000. Aquilo ali me dava uma angústia, e falava e ia... Chega uma hora que tu também começa a ficar um pouco cansada, porque é muito investimento de energia e de tempo. E não é que as pessoas não entendam que aquilo é importante, é que tem as outras prioridades.

C.M. – Professora, teve alguma transição? Algum acordo com a ESEF se ficaria alguém responsável pelo acervo que já se tinha?

J.M. – Não, porque o CEME era o meu projeto de extensão. Não tinha nada. Era um projeto de extensão que quando um professor se afasta um outro tem que assumir e a professora Silvana assumiu. Só existem essas tratativas oficiais quando se trata de um órgão auxiliar ou cargo.

C.M. – E vocês chegaram a fazer alguma transição? Para você passar para ela alguma coisa que você já estava fazendo?

J.M. – Sim, sim. Eu conversei com a Silvana, me lembro. A Silvana estava voltando do doutorado, não é?

C.M. – Sim.

J.M. – Foi mais ou menos essa época. E tinham me perguntado: “Janice, agora nesse momento que você está afastada alguém tem que assumir esse projeto para ti, tu não pode ficar lá. Quando tu voltar tu retoma”. Eu digo: “Para quem que eu vou passar?”. Porque quando eu cheguei aqui a Silvana não estava. Silvana estava fora, ela estava fazendo doutorado, acho que eram quatro anos. Quando eu cheguei aqui a Silvana estava afastada. Durante todo o período que eu estava aqui a Silvana não estava. Aí eu fui conversar com ela: “Olha Silvana, tem um projeto de extensão e tal, que é o Centro de Memória, e tem isso, montei essa estrutura, a gravação das entrevistas...”. A estrutura era mais ou menos assim: criar um memorial da ESEF – se a instituição tem o CEME, ela tem que ter seu memorial –, o arquivo de história oral – porque eu tinha os contatos da UNISINOS⁸⁶ que eles têm lá o Memorial da Imigração Alemã, que eu chamava de arquivo de história oral, que era gravar entrevistas com ex-professores, atletas, alunos, era essa a idéia, que vocês tem com o Garimpando⁸⁷ –, o acervo fotográfico, fazer exposições, fazer palestras, fazer sessão de filme. Eu já tinha feito uma exposição. Que é o que um acervo, um centro de memória faz. Eu nunca chamei de museu porque tem um outro sentido... As pessoas dizem “Ah... um museu!”. Para mim não é museu, mas se fica melhor assim... um museu. Era isso aí, ações dentro desse projeto de extensão que era o Centro de Memória do Esporte. Que

⁸⁶ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

até hoje tem esse nome, Memória do Esporte, que sugere alguma coisa. Era isso. É interessante também, que agora estão discutindo o regimento da Escola e estão discutindo outras coisas.

C.M. – Estão discutindo isso na UFMG⁸⁸ também, se entra como órgão auxiliar ou como laboratório.

J.M. – Cada lugar tem sua discussão. Nem sei o que é o melhor. Mas eu tenho meu projeto de extensão que é um laboratório, que é o Laboratório de História do Esporte Paralímpico.

C.M. – Saiu a página agora.

J.M. – Isso. O pessoal está criando Facebook e tudo porque com os anos você vai aprendendo que é muito difícil você ter um lugar. Eu sou professora aqui e não tenho sala. Se você vai ficar esperando pelo lugar... Na época que eu criei o CEME tinha muito uma preocupação de se ter um lugar. Naquele momento de repente foi importante aquela luta pelo lugar, mas aquilo me desgastava muito. Depois que eu me afastei para o doutorado e eu voltei, eu nunca mais tive um lugar aqui na ESEF, uma sala minha como professora. Eu tive lugares onde eu atuo com minhas funções. Alguns professores tem problema sério com isso, pra mim está bom. Eu sempre brinco que eu sou professora dos sem terra, do MST⁸⁹. Mas eu tenho os lugares em razão dos cargos que eu atuo. Então quando eu voltei eu ocupei alguns lugares, eu sou meio itinerante. Quando eu era chefe de departamento, eu fiquei no departamento. Eu sou tutora do PET⁹⁰, eu fico no PET. Isso também me ensinou a pensar nos meus projetos sem lugar, sem uma sede. Nós temos os clubes centenários em Porto Alegre, agora eu estou estudando os vovôs centenários, pela história dos clubes, eu estou estudando a história dos clubes centenários. E muitos deles foram criados sem ter um projeto, sem ter uma sede, um campo, uma casinha e ficaram anos assim. E hoje eles são clubes centenários, então passa por outras coisas também. Eu estou estudando isso, é um projeto de um aluno, e a gente tem visto isso. Todos os projetos, depois da minha

⁸⁷ Referência ao Projeto Garimpando Memórias, desenvolvido no CEME.

⁸⁸ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁸⁹ Movimento Sem Terra.

⁹⁰ Programa de Educação Tutorial.

experiência com o CEME, tudo o que eu me envolvi não tinha um lugar, mas daí deixou de ser um problema. Se na época do CEME era um *problema*, eu tinha que dar um jeito de resolver para marcar um lugar aqui dentro, depois deixou de ser. O CEME mesmo fez um movimento que eu acho que vocês perderam um lugar, mas vocês conquistaram outros lugares. Vocês conseguiram fazer isso. E isso é bom. Eu acho que o CEME hoje tem um lugar, que não é essa sala, e que é um lugar que eu acho super importante, que se constitui no imaginário pelos informativos, pela prestação de serviços, pelo atendimento que vocês dão lá. Então, infelizmente vocês perderam a sala do museu, das exposições. Eu sempre que trabalho com as minhas disciplinas, ali sempre foi um espaço didático, eu achava super interessante, eu sempre levava minhas turmas, os alunos gostavam muito daquele trabalho que a gente fazia. Eu no início preparava, depois eu percebi que eu não devia preparar, pois eu estava direcionando muito o olhar as pessoas. Eu comecei a fazer um movimento contrário, e os alunos gostavam muito de fazer a visitação. E vou dizer o seguinte: “Eles iam obrigados”, mas depois que eles iam obrigados eles diziam: “Bah... professora, que bacana, nunca imaginei”. Então se perdeu aquilo ali. Eu nunca achei que o posicionamento fosse o melhor, por que ele fica meio deslocado. E esses lugares eles tem que estar em regiões de bastante circulação de pessoas, mas eu entendo muito bem porque foi parar ali... Mas vocês estão construindo e buscando outras estratégias, eu acho isso muito bom. Porque tem que ser assim, infelizmente. É muito curioso também, porque eu tive um lugar e depois eu comecei a ver que você tem que achar outras estratégias, a gente tem o Laboratório de Esporte Paralímpico, que está em todos os lugares, que está em alguns lugares. Todos os projetos passaram a ser assim, por conta da situação atual que se vive na universidade, na ESEF.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁹¹]

C.M. – Professora, fale um pouco mais sobre as exposições.

J.M. – Tem uma exposição anterior, que eu não sei se vocês têm registrada lá porque na época não tinha o Ministério do Esporte, tinha o INDESP⁹² e, como eles deram aquela verba de final de ano, no ano seguinte eu recebi um contato do diretor lá, que ele tinha

⁹¹ Interrompemos a segunda seção da entrevista nesse momento e retomamos no dia 24/04/2015.

interesse em fazer uma exposição ou que a gente representasse o INDESP num evento que aconteceu no Rio de Janeiro e eu fui para esse evento. A gente ganhou um pequeno espaço com uma vitrine pequena e lá a gente expôs os Jogos Olímpicos de Antuérpia de 1920, daí eu consegui levar a medalha. Na realidade, isso o Henrique⁹³ me emprestou todo o material. Eu levei tudo em mãos, na bolsa de mão no avião. Eu fui sozinha, claro, o Centro era eu e alguns... Eu fui para lá, então eu montei, foi no Rio. Eu me lembro assim que, além dessa exposição junto naquele grande centro de eventos, o Nuzman⁹⁴ estava lá, fez a abertura. O Adhemar Ferreira da Silva... Eu tenho as fotos.

C.M. – Acho que a gente também tem as fotos lá.

J.M. – Eu tirei foto com o Robson Caetano⁹⁵. Me lembro que ele era muito simpático e ele disse: “Ah, não querem tirar foto?”. Da natação, jogadores de vôlei... Eu nem sei, até devo ter guardado essas fotos. Circularam muitos atletas da época que estavam no auge. E eu tive a oportunidade de acompanhar tudo porque era eu nesse “guichêzinho”, nesse local, que foi dividido em vários. Eu era a única pessoa de universidade lá, a maioria das pessoas eram pessoas de entidades, de instituições, confederações e outras coisas assim. Então era até uma coisa estranha... “Como é que tu está participando?”. Eu disse: “Eu recebi um convite, porque eles tiveram uma verba, e aí o presidente me chamou e eu fui à Brasília”. Fui lá, conheci o INDESP. Eles já me convidaram, conheci as pessoas e ele me disse o que ele queria. Aí eu disse: “Olha o que eu posso fazer é isso... Os Jogos Olímpicos da Antuérpia”. Daí ele ficou encantado, imagina ter uma medalha e tudo. Então, a gente fez essa exposição lá. Eu não me lembro quantos dias eu fiquei nesse evento. Mas pelo menos uns dois, três dias eu fiquei lá, e junto ele enviou um técnico, um funcionário do INDESP para me auxiliar. Na realidade foram dois, depois chegou um outro lá. Eram pessoas que nunca tinham montado exposição, nada, mas me ajudaram e foi bem bacana. Junto tinha uma feira com gente do mundo inteiro, que é um negócio de venda de objetos. Foi a primeira vez que eu vi isso, eu ficava impressionada com os valores. “Olha, eu tenho a medalha de participação dos Jogos de 1900 e alguma coisa” e as pessoas ficavam ali. São

⁹² Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto.

⁹³ Henrique Felipe Bonnet Licht.

⁹⁴ Carlos Arthur Nuzman.

⁹⁵ Robson Caetano da Silva.

peessoas que circulam pelo mundo participando desses eventos. Também eles vendiam pela internet e tal. Era engraçado, porque eu chegava na frente daquelas feiras e eles: “Tu coleciona o quê?” [risos]. Eu disse assim: “Olha, eu adoraria colecionar isso, na realidade eu trabalho... Tem alguma doação para fazer?” Eu fazia direto isso... “Tem alguma doação para fazer? Eu sou de uma Universidade, a gente não tem recursos...” Bom, acho que o Guimarães se escutasse ia dizer: “A Janice vende a pior imagem da ESEF”. “Sabe a minha Universidade é lá no Rio Grande do Sul, não tem recursos do governo, sabe como é o Brasil e tal...” Aí me davam, era muito engraçado. Ganhava materiais, folhetos, eu ganhava *pins*, porque isso é barato, não tem custo. Então: “Ah, então tu leva para tua instituição isso”. Era uma peregrinação. Eu me lembro que o técnico, esse do Ministério, dizia assim: “Mas tu vê, eu nunca imaginei que uma professora da Universidade...” [risos] Eu disse para ele: “É assim, tu quer construir as coisas tu tem que fazer isso...” Aí ele ia junto para circular, e eu disse: “Tudo que tu ganhar, tu passa lá para nossa Universidade”. Na época foi isso. Foi muito interessante para mim, foi a primeira exposição que eu fiz e até depois saiu uma reportagem num jornal, eu até hoje não sei quem fez aquela reportagem, porque eu nunca fui entrevistada. Acho que foi a Folha de São Paulo, é um jornal lá... Eu acredito que foi no pessoal do INDESP, claro, a matéria é grande, eu tenho ela lá... Para divulgar, era o trabalho deles. Depois disseram: “Olha Janice, tu sabia, tu teve lá, teve uma reportagem sobre o trabalho que tu fizeste”. Eu: “É?” Eu fiquei sabendo... Mas foi esse pessoal do INDESP que estava lá na época e que depois eu nunca mais encontrei, porque nessas coisas de Ministério as pessoas ficam períodos, trocam e tal. Eu fiz essa exposição... Em 1996 quando eu cheguei aqui, eu fiz uma exposição que foi comemorativa ao aniversário da Biblioteca, que na realidade ela foi estratégica. Eu queria uma data comemorativa para tentar reunir as pessoas, e a data que apareceu era da Biblioteca. Bom, que bom, né, seria melhor se fosse a da Escola... Era o segundo semestre em 1996, a Escola fez, faz, aniversário em maio. Aí eu disse: “Nós vamos comemorar o aniversário da Biblioteca”. Não me lembro... Parece que nunca tinha tido, ninguém fazia... Aí a gente se mobilizou e fizemos o aniversário da Biblioteca aqui em cima da Sala de Rítmica, que deve ter as filmagens. A gente trouxe ex-professores, ex-alunos, nós colocamos fotografias nas mesas, algumas doações que a gente já tinha ganhado e que eu não conseguia reconhecer as fotos, então as pessoas faziam o exercício... Pior é que as pessoas não escreviam, eles olhavam as fotografias e começavam a falar. E eu disse: “Mas que pena

que eu não tenho um gravador em cada mesa”. Não tinha nada aqui, o gravador era o meu que eu comprei lá numa loja Multisom. Eu disse: “Precisava ter tido um gravador em cada mesa, porque as pessoas não faziam isso de escrever, elas ficavam comentando: “Olha o fulano...” Então aquilo lamentavelmente se perdeu. Até mesmo a filmagem desse evento a gente tentou filmar, eu não sei se tem essa filmagem ainda, onde ela foi parar. Era na época daquelas fitas cassete grande, sabe? E a gente conseguiu... A ESEF não tinha muita coisa mesmo, o LAPEX recém tinha mudado para aquele prédio em 1997. Claro que tinha o prédio bonito, mas equipamentos eles foram chegando depois. Hoje tu fala: “Mas nem uma filmadora?” Uma filmadora era muito caro, sabe, e era tudo muito restrito a cada setor. “O que é do meu setor é do meu setor, ninguém mexe...” Mas a gente conseguiu em algum lugar aqui dentro uma filmadora e a gente filmou isso. Na época, eu nunca vou esquecer, veio o professor Poli Marcelino do Espírito Santo com noventa e dois anos de idade. Eu fui lá, eu já tinha conversado com ele, a família trouxe ele, veio com uma cuidadora. Foi super emocionante porque ele tinha sido professor...

C. M. – De quase todo mundo [risos].

J. M. – De quase todo mundo que estava ali, e ele estava bem, ele faleceu, eu acho, que dois, três anos depois... E ele, claro com dificuldade de caminhar, mas conversava, então aquilo sim... Depois a cuidadora, a filha, comentou: “Tu não faz ideia que remédio para meu pai isso aí, encontrar os colegas...”. Porque ele nunca mais tinha voltado para a ESEF. Na época ele foi o professor mais antigo que esteve presente naquele evento. Lotou a sala, com as cadeirinhas de plástico, tudo... Teve exposição de fotografias, as atas antigas, a temática que era assim, a história da Biblioteca e a história da ESEF, a finalidade era essa, identificar muitas fotografias e coisas que tinham ali. Essa foi outra. Aí tu falaste dessa de sessenta anos, né? Essa aí nós organizamos. Que tinha a Mônica Dantas⁹⁶ e a Thaís Petzhold. Bom, a Thais todo mundo conhece. Tinha a Mônica aqui. Aí eu falei com a Mônica, conversamos com ela. Nós tínhamos que fazer algo diferente, já era outro tempo. Acho que era 2000... Eu estava saindo já do CEME, era meio que também uma ideia da minha saída, porque eu ia me afastar. A ideia que ela dançasse e tivesse um show musical e além disso, uma outra coisa que eu tinha pretensão e que não aconteceu, eu queria trazer o

⁹⁶ Mônica Fagundes Dantas.

que eu chamo de estátua viva, que é esse pessoal que fica ali na Redenção, que fica nas ruas. Era uma ideia... Claro, via muito, visitava exposições, que eu já tinha visto em outras exposições. Tu mistura arte, cultura, teatro, as performances e isso atrai as pessoas e também chama atenção para aquilo que tu queres. Mas essa figura não se conseguiu, porque tudo era feito às pressas, correndo, nada tinha recursos. Então, eu me lembro que teve essa exposição e ela foi lá dentro, onde era o CEME, na sala do antigo LAPEX, que hoje é aquele espaço ali...

C.M. – Sala de aulas.

J.M. – É. Também teve bastante gente e tal. Teve a exposição de Gramado⁹⁷ que foi em 2000. Aquela exposição de Gramado e a exposição aqui na AMRIGS⁹⁸, que foram duas, elas ficaram com uma cara menos amadora, vamos dizer assim, porque foram alugados os cubos⁹⁹, que a Escola não tinha nada disso, e eu contei muito com a ajuda da Haike Roselane Kleber da Silva, que é uma historiadora. A gente fez várias disciplinas juntas aqui na Pós-Graduação na História da UFRGS, ela trabalhou no memorial da SOGIPA¹⁰⁰. Ela foi a historiadora que montou o memorial da SOGIPA, foi contratada para essa finalidade. Escreveu o livro da história da SOGIPA, depois escreveu um livro sobre a *October Fest*¹⁰¹, depois ela escreveu um livro com uma colega dela. Ela tinha muitos contatos, que a Haike é muito ligada com a questão da imigração alemã com o pessoal da UNISINOS, escreveu um livro lá. Então ela era uma pessoa assim que tinha essa formação. Ela não era professora de história da escola, ela trabalhava com exposições, com livros e tal. Então, ela ajudou. Ela disse: “Olha Janice, vamos tentar... Então, como se posiciona, como se faz”. Aí a gente fez uma na AMRIGS que foi dentro de um evento que o professor Betão¹⁰² que organizou, que era um Fórum Olímpico e tal... Então tinha recursos.

C.M. – Acho que esse foi em 2000. A gente tem fotos desse evento também.

⁹⁷ Cidade do Rio Grande do Sul.

⁹⁸ Associação Médica do Rio Grande do Sul.

⁹⁹ Peça de madeira usada para expor os materiais.

¹⁰⁰ Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

¹⁰¹ Festa tradicional de cultura alemã realizada no sul do Brasil.

¹⁰² Alberto Reinaldo Reppold Filho.

J.M. – Isso! E por que, qual foi o problema que teve ali? Que aquela exposição foi posicionada no segundo andar, porque ela era para ter sido posicionada no primeiro andar. Várias vezes falei, mesmo com a Haike, que ali é onde as pessoas transitam. Que é aquele saguão imenso ali onde as pessoas faziam a inscrição e tudo. Porque quando tu desloca, é o que acontece aqui, as pessoas não vão subir uma escada com essa finalidade apenas, nossa cultura é outra, mas aí não teve jeito. Ela foi para aquele segundo andar, teve os cubos, então ela orientou assim. Depois foi a exposição que a gente levou para Gramado. Aquele evento de Gramado¹⁰³ ele foi bem complicado para organizar. Eu comecei a organização dele uns dois anos antes, quando eu fui para um evento no Rio de Janeiro e eu levei a candidatura... Acho que foi no Rio que eu levei em 1998, eu fui para um evento de História do Esporte no Rio¹⁰⁴, acho que é por aí, e levei a candidatura da ESEF. Falei aqui com o Guimarães e tudo, o Guimarães sempre uma pessoa que apoiava. Aí ele disse: “Pode, vamos tentar”. Aí eu levei e a gente conseguiu trazer para cá. Daí “Porto Alegre não vai dar, não atrai”, e aí eu convidei várias pessoas na época, de universidades, inclusive de universidades privadas, para gente fazer essa coisa do *pull* que fortaleceria muito mais. Mas, essas universidades não tem... A própria disciplina de História do Esporte é o seguinte: o professor, às vezes nunca trabalhou com História, mas está faltando carga horária, ele pega a disciplina. Eu me lembro que as pessoas nem tinham muito interesse em se envolver na área, estavam ali cumprindo. Não estou julgando, mas era essa a realidade e é ainda em muitos lugares. Fiquei sabendo de um professor que fez doutorado aqui na área das Biodinâmicas e é o professor de História de outras faculdades. Não vou citar o nome da instituição, mas é impressionante sabe. Então essas pessoas vieram em algumas reuniões e aí começou a não virem mais e tal... O Guimarães falava: “Você tem que associar com o Programa de Pós-Graduação”. Recém tinha sido criado o curso de doutorado e o mestrado também. O mestrado já estava desde 1989 funcionando, mas o doutorado era mais recente. Era o professor Molina¹⁰⁵ que estava na direção, na coordenação do Programa de Pós-graduação. Daí na época a gente fez um pouco assim, o Guimarães fez essa articulação. Ele era muito bom nisso, eu sou péssima, minha

¹⁰³ Referência ao VII Congresso Brasileiro de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança organizado pela Escola de Educação Física da UFRGS e realizado em Gramado no período de 29 de maio a 1º de junho de 2000.

¹⁰⁴ VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança realizado na Universidade Gama Filho.

¹⁰⁵ Vicente Molina Neto.

competência política é zero, se depender disso... “Vamos associar, vamos ver verba”. E aí a SOGIPA emprestou bastante material, ajudou a fazer lá. Também teve um historiador chamado Edson Tavares¹⁰⁶, ele era bolsista na época. Anos depois eu encontrei ele, ele é professor de história na escola. Aí se montou aquela exposição, e nós montamos uma programação. A ideia era tentar levar alguns historiadores aqui da UFRGS. A maioria nem sabia nada que existia aqui. Eu conhecia algumas pessoas... Porque sempre tinham comissões dos “não sei quantos anos” da UFRGS. O Guimarães: “Janice, Comissão do aniversário do não sei o quê”. Então, eu cheguei a participar, eu conheci o professor Marshall¹⁰⁷, o professor Guazzelli¹⁰⁸, o professor Fábio¹⁰⁹, tudo lá da História, porque eu era representante da ESEF na comissão de um aniversário, de um ou dois aniversários, eu cheguei a representar a ESEF e eu fui convidá-los. O Marshall foi a primeira vez, depois ele veio para as nossas bancas, nem havia ainda a tal da ideia do Studio Clio¹¹⁰, ele estava trabalhando no Museu da UFRGS, ele foi o cara que, sei lá, organizou, que começou. Ele veio e ali começou... Claro, quando entra mais de um setor, as pessoas querem botar as pessoas dos seus interesses. Então alguns nomes... Eu queria um evento acadêmico. As pessoas, para mim, elas tem que ocupar os lugares por isso, mas também há os critérios políticos, os amigos. “Eu quero trazer meu amigo que é professor lá. A gente já se encontra...” Aconteceu um pouco isso ali, alguns nomes foram posicionados assim, mas enfim, o professor Marshall foi uma pessoa que era sugerida, que esteve ali. Quem mais? Eu não me lembro de mais. Eu me lembro que a gente organizou um sistema assim, e esse evento aconteceu muito por isso, porque teve o apoio, o braço da Escola. Eu não tinha muito contato, na época, com o professor Molina na Pós-Graduação, mas enfim, o Guimarães entendeu que as coisas... E saiu o livro, saiu o material e tal. Até eu fiz algumas publicações depois sobre o Centro. Eu colocava o nome do professor Molina, ele sempre me perguntava: “Por que tu coloca meu nome, Janice? Porque eu não tinha nada a ver com isso, né? Nunca...” Eu disse: “Professor, como uma forma de agradecimento porque o senhor não precisava ter apoiado”. Ele poderia ter simplesmente... Aí ia ser muito difícil de realizar, porque quando tem por trás um Programa de Pós-Graduação. Então tu vai encontrar publicações em que está eu, o Molina e a Mônica. Como uma forma assim de

¹⁰⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰⁷ Francisco Marshall.

¹⁰⁸ Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

¹⁰⁹ Fábio Kuhn.

agradecer... Porque é importante esse apoio também, há diferentes formas de se ajudar [risos]. As pessoas até: “O que o Molina tem a ver?” Eu digo: “Basicamente nada, mas o evento de 2000, ele aconteceu. Foi difícil de fazer, teve recursos e tudo, porque ele foi meio encampado, teve o apoio ali”. Tudo bem, foram esse assim que eu lembro, Chris. Esse do INDESP, esse da Biblioteca. Esse da Biblioteca foi em dezembro de 1996. Eu me lembro, eu estava esperando ser chamada, tinha sido aprovada aqui. Depois teve esse aí, acho que foi em março, ou maio, perto do aniversário da Escola, que foi quando houve a transição. Eu fiquei aqui até março de 2000, até o final do mês de março. Aí eu tive, foi por aí mais ou menos, o afastamento. Foi quando a Silvana já estava aqui de volta, acho que tinha terminado o doutorado dela. Ela pegou bem essa transição, mas os eventos fomos nós que organizamos ali. A Mônica Dantas sempre ajudando. Quem mais? Eu tenho alguns nomes de pessoas, que até são de outras áreas, mas ajudavam. A ESEF era menor.

C.M. – Eu vi umas fotos ali, quem eu conheci reconhecer foi mais a Sílvia Amaral¹¹¹.

J.M. – É, a Sílvia a gente sempre tentava trazer, ela participou um pouquinho no início. A Mônica era professora da Escola, não tinha curso de dança...

C.M. – Tem uns professores, aparece o Ricardo, os professores que estavam assistindo o evento.

J.M. – É, e que estavam na direção da ESEF. Na ESEF eram o Guimarães e o Ricardo. Depois o Ricardo e o Guimarães, havia um revezamento...

C. M. – Um revezamento [risos].

J. M. – É. Não sei quem, alguns estavam afastados aqui naquela época.

C.M. – Janice, agora mais sobre as pesquisas... Sobre os estudos e as pesquisas.

¹¹⁰ Instituto de Arte e Humanismo.

¹¹¹ Sílvia Cristina Franco Amaral.

J.M. – O que a gente fez... Na época, pesquisa não era como se fala hoje. O próprio Programa de Pós-Graduação, os alunos faziam sua tese, sua dissertação e ponto final. Eram raros os casos daqueles que publicavam um artigo, me parece, é a impressão que eu tenho, e também livros. A graduação, eu acho que o viés esse da pesquisa era mais forte naqueles que estavam dentro do laboratório. Isso é uma tradição que começou a ser construída lá no início dos anos 1970 com o De Rose¹¹² que organizou o Laboratório, com todos os outros que sempre frequentaram... A força maior era essa... Quase não me lembro assim... Claro, tinham algumas pessoas, até seriam interessantes resgatar essas publicações. A gente fazia mais quando tinha que ir em algum evento para apresentar trabalhos. Quando eu me vinculei a Sociedade Brasileira de História Oral tinham os eventos da região sul, eu era convidada para fazer parte... Curioso! Veja bem, naquela época, eu já tinha sido convidada para fazer parte de mesa da Sociedade de História Oral da Região Sul. Aí você está me dizendo uma professora de 2014 que não reconhece... Nós estamos falando de quantos anos atrás? O CEME tem dezembro de 1996, que eu considero é um marco, que é esse evento, e que daí já existia o ambiente na Escola. Esse evento de 1996 ele também faz um pouco isso. Eu tento trazer, agregar as pessoas, a maioria dos professores estive presente porque eles queriam se encontrar. Não vamos nos enganar aqui, era estratégia... Eles queriam se encontrar aqui, os colegas aposentados, os professores. Foi impressionante como ele foi prestigiado esse evento. Ali, a gente falou: “Olha, a gente está organizando o CEME”. O professor Washington Gutierrez estava aí, foi muito bacana. Nós estamos falando, mais ou menos, foi dezembro de 1996, vamos dizer que é meio que um marco com esse evento. O próprio Guimarães dizia assim: “Não Janice, eu acho que marcou.” Depois conversava: “Eu acho que tu conseguiu”. Estava trabalhando aqui desde julho de 1996, frequentava direto a ESEF, só não dava aula porque ainda não tinha vínculo oficial, mas fazia de tudo, frequentava os eventos aqui dentro. Daí ele disse: “Eu acho que tu conseguiu agora a pedra fundamental”, que alguns gostam. Eu larguei a pedra. Eu disse: “Que bom, isso é só o que se comenta”. Professores que tinham uma resistência antes vinham até meio que pedir desculpas assim: “Eu não tinha entendido muito bem, aquela vez que eu te mandei, que eu disse que tu estava no curso errado. Tu está na faculdade errada, tu tem que ir para lá”. Educadamente ele me disse isso. Ele disse: “Puxa, eu não tinha a dimensão do teu trabalho”. Eu vi que as pessoas começaram a compreender melhor,

¹¹² Eduardo Henrique De Rose.

a aceitar e tudo mais. Tu está falando em 2014, que a professora não reconhece. Lamentável, está atrasada ainda. Quantos anos o CEME tem? Eu não sei, Chris...

C. M. – Vai fazer dezenove esse ano.

J. M. – Vai fazer dezenove anos. É, ano que vem vai fazer vinte anos, imagina. Vinte anos se passaram, a questão do tempo. Eu participava desses eventos, quando eu ia nesses eventos a gente procurava se dedicar à escrita, ao trabalho. Eu tenho lá um evento de 1997 em Maceió, mas era normalmente nesses eventos dos Congressos Brasileiros de História¹¹³, que primeiro era Encontro depois virou Congresso. Nesses eventos mais que eu ia e divulgava os de História Oral também. Eu nunca me arrisquei, eu frequentei muito eventos de História, eu nunca me arrisquei a apresentar um trabalho, porque eu era uma pessoa da Educação Física... Então, não vai ter nada registrado em relação à apresentação de pesquisa, que na realidade eram relatos, registros de processos que estavam sendo desenvolvidos aqui. A criação do arquivo de História Oral, qual é a ideia? Entrevistar... Quem é que já se conseguiu gravar entrevista? Naquela época eu gravava as entrevistas com “gravadorzinho” com aquelas fitas cassete grande, que eu tenho até hoje tudo guardado lá, que algum dia vou ter que transformar aquilo ali, senão eu vou perder. O que acontecia? Eram nesses eventos mais... Porque na História, o historiador, é um outro perfil, era um mundo muito estranho para mim, mas foram eventos muito bons pelos contatos que eu fiz e pelos aprendizados que eu tive. Eles diziam coisas como: “Olha, tu tem que ter cuidado quando tu trabalha com fotografias”. Então eu fui me instrumentalizando nesse sentido. Agora, para poder operacionalizar isso, eu preciso de condições de trabalho, que eu não tinha e nem nossa Biblioteca tinha. Imagina se eu ia reivindicar se a própria Biblioteca tinha problemas com as estantes que eram já precárias, mas eu sempre aproveitei muito essa parceria ali... Na realidade, eu tinha muito mais era um carinho pela Rosalia¹¹⁴, uma amizade, então, eu trazia ela para as coisas. Para a Biblioteca ser valorizada, de poder trazer os recursos para lá. Tanto que, aquele dinheiro do INDESP, ela participou junto, o que a Biblioteca precisa? Várias coisas foram adquiridas na época, eu nem lembro o quê. Aí eu comprei alguns gravadores que nós precisávamos gravar as entrevistas, que era esse o sistema que se tinha na época. A participação, as pesquisas eram

¹¹³ Congresso Brasileiro de História do Esporte, da Educação Física e Lazer.

assim, não havia trabalhos de conclusão de curso aqui dentro, não havia essa exigência... É uma exigência que veio depois. Os alunos da área, por exemplo, que eu trabalhava, eu era professora de voleibol, então, era uma aula muito prática, mas eu tinha assim um bolsista de iniciação científica, mas como eu era professora de vôlei, o trabalho tinha que ser nessa área. Até isso assim foi um processo difícil ... Porque tu tinha um carimbo na testa, é estranho assim, tu é do vôlei, eu dava aula no ginásio. Hoje isso é bem mais tranquilo, as pessoas circulam em áreas, as pessoas se integram, naquela época eu não me lembro. A Sílvia era mais acho que ligada à recreação e lazer, a Mônica à dança... Era muito cada um em seu “quadrado”, era um pouco essa lógica que estava colocada. Hoje se fala em estudos, tem uma disciplina no currículo que são os “Estudos Socioculturais”, uma área, o programa de Pós-Graduação tem a área “Representações Sociais do Movimento Humano”. Não fiz parte do Pós-Graduação quando eu entrei aqui, eu tinha mestrado só. Só... [risos]. Eu tinha mestrado que já era algo e eu fui fazer o doutorado depois e mesmo depois com o título de doutora, eu levei dois anos para ingressar no Programa de Pós-Graduação. Então porque... Por isso, que eu entendo hoje dos colegas, a questão da pesquisa ela passa muito também por isso. Eu nunca abandonei a orientação de alunos de graduação, eu acho que é um trabalho nosso de professor. Eu já tive que orientar dez em um semestre, sete, agora eu fiz uma meta para diminuir, mas já vi lá que eu tenho cinco de novo, porque é um trabalho diferente, ele é um trabalho que te desafia muito também. O Pós hoje também é um desafio, a pessoa fazer uma dissertação. Agora um aluno de graduação, construir, entender e vem... Por exemplo, um aluno essa semana me procurou, meio assim numa angústia, foi meu aluno lá de segundo semestre “Professora, a senhora tem que me ajudar”. Eu disse: “Bom, se eu puder te ajudar”. Estava num *estado* assim... Ele faz as disciplinas, disse: “Professora, eu nunca pesquisei, eu não sei pesquisar, eu não sei o que é importante, porque eu não sou da área do Desenvolvimento Motor, eu não sou da Cinesio¹¹⁵, eu não gosto dessas coisas. Então eu não tenho nenhum assunto importante para pesquisar, tá entendendo?” “Aqui ó, vai ser meu orientando”. Eu disse: “Mas o que tu está fazendo atualmente? O que tu faz?” “Professora, eu faço a disciplina tal, tal, tal”. Eu disse: “Está fazendo estágio onde? Com quem?” “No colégio tal”. Não vou citar, porque senão tu vai identificar o aluno. “Tu já te preocupou em conhecer sobre essa escola, sobre como a disciplina de Educação Física se constituiu nessa escola, quem foram os professores, o que

¹¹⁴ Rosalia Pomar Camargo.

a comunidade tem a ver?” “Ah, não, mas isso não interessa para ninguém”. Eu disse: “Como não interessa para ninguém? Isso é fundamental para ti fazer um projeto. Por que no teu TTC tu não faz uma coisa que vai hoje...”. Então tu imagina, naquela época tu fazer esse tipo de estudo, entende? Eu até acho que tinham alguns professores, eu não sei assim no Pós que faziam, mas eu acho que era um momento um tanto difícil sabe para essa área, me parece, porque a Educação Física vinha daquela tradição, e eu conhecia muito bem porque eu sou formada em Santa Maria, eu vim de uma área dura, a minha formação foi toda nessa área. Eu era uma pessoa que eu fiz o caminho do treinamento esportivo, do esporte, depois que eu fiz todo um outro caminho... Então eu conheço, mais ou menos, passei pelos processos. Então, a gente não se sentia nem confortável, entendeu? “Isso não é pesquisa, isso que eu faço não é, não é reconhecido como tal, não sei quando será” [risos]. Então a gente, eu até nem chamava disso, era... Chamava “eu vou apresentar um trabalho, num evento, que é um relato da experiência que eu faço no Centro de Memória de preservar documentos”. E eu fiz alguns trabalhos de descrição da história da escola, dos nomes dos centros, documentação, então tu vai encontrar algumas coisas acho que em anais de eventos e congressos, revista talvez tu encontra um ou outro, tinham poucas revistas. A gente quase não tinha esse tipo de... Não era nem de informação, mas a ideia era um pouco assim quem publica nessas revistas são doutores. “*dou*”, não é doutores, é “*dou*” [fala com ênfase] é num tom assim. Então também tinha essa hierarquização. Então você precisava, tipo assim, primeiro ter o título. Esse era o discurso. Aqui dentro era um período bem difícil... Depois, tu começa a entender... Quando eu me distanciei que eu comecei a perceber muitas coisas, o pessoal da área do esporte, acho que pouco publicava, não se tinha essa cultura de elaborar pesquisar, estudos. Então eu tinha, eu me lembro até hoje, Priscila¹¹⁶ o nome dela, depois eu tive a Clarissa Bravo¹¹⁷, foi minha iniciação científica. Então quando tu conseguia ganhar uma bolsa de iniciação científica, esses alunos faziam trabalhos, eles tinham que ir no SIC¹¹⁸ apresentar ou no Salão de Extensão. O Salão de Graduação é mais recente, né? O Salão de Ensino também, isso é um dado, um indício, de que é preciso ter um espaço para as pessoas compartilharem as suas experiências. Estamos falando aí de 1996, 1997. O SIC era a força da UFRGS, e durante

¹¹⁵ Cinesiologia.

¹¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹¹⁷ Clarissa Bravo de Carvalho.

¹¹⁸ Salão de Iniciação Científica.

muitos anos ele era o salão. Até que, também é bem recente, podemos dizer que houve a integração da extensão e tudo mais... Então também não se tinha essas possibilidades e também acho que da própria formação, da cultura e do que se entendia o que era pesquisa. Era bem marcado, quem eram os pesquisadores. Curioso isso, né? “Esse e esse são os pesquisadores, os outros são os professores” [risos], “os PhDs e os professores”. Felizmente [risos], as coisas estão mudando. Estão ainda... [risos].

C. M. – Você ia mais nos congressos de História ou chegou a ir nos de Educação Física também nessa época?

J. M. – Eu fui num Congresso de Maceió. Eu tinha a intenção, eu tinha um plano, claro eu entendia que isso era fundamental, eu tinha um plano de participar de todos os Congressos de História do Esporte, porque afinal de contas eu estava à frente do CEME, só que naquela época também tu tinha que tirar dinheiro do teu bolso, não era muito fácil tu conseguir verba. Hoje tu vai ali, preenche os documentos no Pós, o Programa tem uma verba destinada, imagina, para um aluno é de um mil reais. Então o custo não era fácil, eu consegui algumas ajudas, mas, por exemplo, nesse evento do Rio de Janeiro eu também me banquei, o INDESP me pagou as passagens aéreas que eram caríssimas. Hoje se viaja muito de avião, mas eram passagens caríssimas e eu ganhei uma ajuda de custo, mas quando você vai para um evento você também tem que se alimentar, você tem que se deslocar. “Aqui óh, minha contrapartida”. Na Escola também não era uma coisa fácil... Não se tinha muitos recursos. Acho que o processo para pedir para instituições, até hoje os prazos tem que ser bem largos, tudo isso. A outra coisa era: quem me substitui quando eu me afasto? Hoje as pessoas lidam com isso com muita tranquilidade, não me parece que era tão tranquilo assim naquela época para alguns. Tinham aqueles que viajavam e inclusive eram professores muito criticados. Impressionante como professores que saíam com muita frequência eram criticados. Hoje parece que tem professores que saem todo mês daqui e isso é normal. Se tinha muito cuidado com isso: “A tua função são as aulas, aí tu vai delegar, quem é que assume essa disciplina? Tem outro professor que poderia? Deixar na mão de monitor...” Tinham todos esses cuidados, e eu era uma professora, não era nova porque eu já tinha dado aula em Brasília, já tinha dado aula na UFSC, mas aqui também era nova e estava conhecendo também. Naquela época..., eu sempre tive essa impressão,

pode ser um equívoco meu, a ESEF tinha essa marca dos professores homens, isso nas reuniões eram muito claro... As vozes, as autoridades. Quem são as vozes, né? Então aquilo também tinha um cuidado enfim, não sei, a voz do homem é diferente da voz da mulher então não tinha o mesmo tom. Então tinha tudo isso, mas eu cheguei a ir a Maceió, eu fui ao Rio de Janeiro e eu ia a eventos aqui. Aqui tinha muita coisa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, a UNISINOS fazia muita coisa, a FAPA¹¹⁹. Eu quase fui fazer um curso de especialização na FAPA porque eles têm essa área do patrimônio lá, eu conheci a professora, mas era um curso a noite, ele era pago... E eu trabalhava aqui direto, então ela disse: “Janice, vai te ajudar”, “Não tenho condições. Vou trabalhar o dia inteiro aqui, vou ter que...”. Era professora com mestrado, o salário não era daqueles, mas tive o convite assim, uma coisa... É Sandra Barroso¹²⁰ acho o nome dela, sempre encontrava ela nos eventos. Infelizmente, a UFRGS nunca ofereceu curso de especialização, mas eu fazia esses cursos, congressos, eventos de História Cultural, congressos de arquivistas, tudo que estava, que eu enxergava. Os foras daqui, eu cheguei a participar eu acho de um evento do CBCE¹²¹, eu não me lembro qual. Eu fui a outro evento em Santa Maria pela facilidade e sempre a questão do custo, que eu tinha que bancar, o CEME não tinha verba para absolutamente nada. Então, ou eu ia lá pedir para a direção e tal, e também tu não tinha, essa hierarquia era diferente, era a direção, os professores... Embora todo mundo tinha amizade, se tratavam bem e tudo, tem as relações... Eu acho que são esses os eventos fora daqui que eu fui. Claro, depois que eu saí do CEME, eu estive na Grécia, lá na Academia Olímpica, essas... Daí não tinha mais ligação nenhuma com o Centro de Memória. E eu participava, comecei a participar, porque depois, anos depois, desses eventos de estudos olímpicos. Na realidade, as pessoas me convidavam para ir. O Lamartine¹²² convidava ou outro, às vezes, eu tinha uma ajuda de custo, ia apresentar um evento, mas nunca tive muita... Eu ia muito com o espírito de conhecer e de saber o quanto isso pode ajudar, porque é uma área assim... Estudos Olímpicos, para mim, ela está um pouco dentro da História do Esporte. Eu não consigo diferenciar muito, entende? E mais, nesses eventos as pessoas sempre me convidavam: “É importante ter alguém da História”. Então eu ia em alguns eventos assim. E eu estive em alguns eventos que eu não apresentava trabalho, eu ia

¹¹⁹ Faculdade Porto-alegrense.

¹²⁰ Nome sujeito à confirmação.

¹²¹ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

¹²² Lamertine Pereira DaCosta.

para conhecer, fazer minicursos. Em eventos de História, eu fazia minicursos, fotografia na pesquisa histórica. Eu não tenho problema nenhum com isso, aliás, acho que isso falta nos professores. Depois de uma época assim, a pessoa só vai em eventos para falar, para apresentar trabalhos, e a gente precisa de uma formação continuada até para desacomodar, porque a gente fica algum tempo fazendo as mesmas coisas e acha que está tudo dominado e as coisas não estão. Então esses eventos, esses minicursos... Até agora eu me escrevi num, vai ter um evento de História lá em Florianópolis...

C. M. – Joinville? É, Joinville.

J. M. – Isso, é um de História que nós vamos apresentar trabalho, e eu vou fazer um minicurso lá. “Professora, a senhora quer se escrever?” Eu disse: “Sim!” Eu também preciso fazer isso e isso te coloca mais dentro do evento, são mais aprendizagens. Se fala tanto em formação continuada e permanente para os outros, e a gente precisa porque aqui dentro tu não tem como. Não tem como. Então, eu fiz, eu participei de alguns eventos assim. Depois do CEME, daí são outros, são mais esses de História e claro, a gente também vai ficando mais seletiva no sentido assim, tu não tem muito tempo, então eu vou escolher os eventos que me interessam mais, da minha área e aí eu vou fazer um investimento, porque sempre vai ter um investimento de tempo e de dinheiro. Por mais que, acabei de citar um exemplo do Programa vai te ajudar, que existe uma rubrica para isso, a gente sabe que os custos são sempre altos, as inscrições e tudo isso. Eu não estou indo, declinei, mas, por exemplo, a Marli Hatje¹²³ está indo a Portugal agora num evento porque a Universidade dela apoia. Ela vai com as passagens todas pagas pela UFSM¹²⁴. É uma professora associada quatro e consegui. Só a inscrição lá, na conversão de euros para reais, vai a quase quatrocentos reais. Eu teria que ter me programado com muita antecedência... E também não é só isso, é o quanto isso também te traz ... Porque uma semana, duas, que tu vai ficar afastada de todas as tuas atividades e quanto tu volta elas estão todas ali te esperando e se não teve mais desdobramentos, quando está em cargos administrativos, e o quanto esse evento vai... O ano passado eu fui para o CHELEF¹²⁵, e aí me perguntaram: “Tu quer vir só no dia da tua palestra?”. Eu digo: “Não. Ou eu vou e faço

¹²³ Marli Hatje Hammes.

¹²⁴ Universidade Federal de Santa Maria.

¹²⁵ Congresso de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

todo o evento, ou não vou. Essa coisa de chegar no meio, ir lá fazer uma fala e ir embora, não”. Então, eu cheguei... Eles disseram: “Que bom!”, eu disse: “Eu quero pegar do primeiro dia até o último dia do evento. Faz bastante tempo que eu não vou nesses eventos, então eu quero ver como vocês organizaram, eu quero saber das pessoas, até porque não se sabe, futuramente, tu vai estar envolvida na organização de uma atividade assim”. Foi muito bom, eu pude fazer muitas coisas lá, assisti muitas palestras, muitos trabalhos, foi muito rico e, pessoalmente, são materiais que eu trouxe para minha disciplina. Certamente que minha disciplina esse semestre foi um pouquinho melhor do que o outro [risos], porque eu já consegui trazer alguns materiais novos, informações, porque os eventos eles te alimentam também. Até o ano passado, eu estive nesse e estive no Paralímpico, que é um conteúdo que eu venho cada vez mais introduzindo nas minhas aulas. Eu vou aprendendo mais, estou estudando, estou circulando mais nos eventos, então, eu vou fazendo isso nesse viés histórico-sócio-cultural, porque na outra área do paralímpico... Mas aprendi muita coisa lá, tinha um palestrante internacional sobre as tecnologias hoje das próteses, de tudo. Então, eu acho que é isso. Pesquisa naquela época, Chris, eu acho que tu vai encontrar poucas coisas. Depois teve o afastamento ali, um período curto do doutorado, eu não fiquei... Eu fiz meu doutorado sem bolsa, fiquei dois anos porque me deram uma que eu nem tinha pedido. Nunca pedi afastamento, porque se você não tem bolsa na época a questão era mais a direção e a chefia entender. E depois que eu voltei, então devagarinho eu comecei a pesquisa com alunos de graduação, salão de TCC, tudo isso. E, claro, a pesquisa na área da História do Esporte e da Educação Física que é para esses movimentos assim. Aí tu entra no Pós, vai tendo os alunos e devagarinho vai crescendo a tua publicação. Então, a tua ideia de ser produtiva, a minha identidade produtiva, ela teve... [risos]. “Agora eu sou mais produtiva, agora tu é menos produtiva”, só que não se pergunta no que e quais os critérios. No Programa hoje, eu sou uma professora produtiva na ótica do ranking das publicações, eu não sei se tivesse outro “ranqueamento” se eu também seria enquadrada, mas sim melhorou bastante, também vai do teu amadurecimento, tu vai te apropriando dos conhecimentos. E hoje, bem recentemente, eu consigo fazer uma pesquisa que é mais como eu entendo que é uma pesquisa. Também tu vai te soltando mais, porque eu seguia modelos, não que eu não siga eles ainda, mas hoje eu consigo dialogar mais com os modelos teóricos, eu já me sinto mais livre... Mas tenho metas ainda, eu quero... Eu abri mão de fazer o doutorado na História agora, que eu queria fazer, eu já estava com tudo

alinhavado lá, e o Pós-Doutorado também, aí quando eu assumi a coordenação do Pós, impossível, porque eu acho que isso vai ajudar muito na qualidade dos trabalhos e na minha atuação também, porque de fato eu sou... O Mauro¹²⁶ disse que nós estávamos falando do curso, que os alunos estavam fazendo na sexta-feira, que eu fiz uma força para que minhas alunas fossem fazer. “Mas é etnografia”, mas e aí? Olha quantas coisas a gente pode aprender. Ele disse: “Janice, nós somos da Educação Física”, falando sobre isso. Eu disse: “Não, mas é bom também, nós temos também algumas coisas para falar”. Eu sou uma professora de Educação Física que me meto lá na História, na História do Esporte. Eu não acho que seja uma tarefa fácil, não é um exercício fácil isso aí, e a gente tem procurado nos últimos anos mandar os trabalhos para a história, para se submeter também as outras áreas, para ter os pareceres, mas tem aparecido cada curiosidade que é impressionante, porque, às vezes, a gente tem mais cuidados que a própria área específica. Porque a gente também tem uma visão de fora dessas áreas, a gente constrói algumas... Isso aí é responsabilidade da gente.

C. M. – Janice, as duas últimas perguntas [risos].

J. M. – Tá.

C. M. – Como que você definiria o CEME, o que era o CEME quando você criou?

J. M. – O CEME, embora tenha esse nome Centro de Memória do Esporte, ele era no início, com a minha ideia de não trabalhar sozinha aqui e tendo os colegas da Dança, das diferentes áreas da Educação Física, ele era para ser um espaço de preservação da memória do esporte e da Educação Física. Era isso. Então ali seria um lugar, e a nossa Biblioteca já tinha uma história de preservação de livros históricos. A ideia era ampliar isso aí, não só livros, mas todos os tipos de materiais: fotografias, artefatos, catálogos, obras de artes, equipamentos. Preservar uns halteres antigo, um cavalo¹²⁷ que se conseguiu, essas coisas... Placas que, às vezes, as pessoas acabam colocando fora nas reformas. Ele era para ser um espaço de preservação do que a gente chamaria do campo da História do Esporte da Educação Física. Ele era para ser um lugar de pesquisa, assim como nós já tínhamos, nós

¹²⁶ Mauro Myskiw.

estávamos em 1996, nós já tínhamos o LAPEX, que é um espaço de pesquisa, então também isso certamente. “O que tu faz com esses materiais?” Tu vai desenvolver pesquisa com eles, com os materiais, com as coleções e era infinito isso aí, porque, nossa, tem tanta coisa. Ele era um espaço de pesquisa também para os alunos de graduação e de pós-graduação, mas no Pós não tinha muito estudo ainda, essa área era bem incipiente. Então ele era para ser um espaço de pesquisa dos professores e dos alunos e ele também tinha a questão da extensão, por quê? Porque tinham as exposições, as pequenas iniciativas, mostras... Eu procurava diferenciar, a mostra fotográfica - para não criar confusão -, as exposições, trazer um ex-atleta para contar a sua história de vida, é uma ação, seria uma ação de extensão. Então faria um evento, ele vem, conta a sua história, as pessoas interagem; ou trazer um ex-professor, que nem a gente fez aqui no evento, eles contando. Ele era para ser esse tipo de espaço e nesse campo, que hoje ainda está mais marcado aqui dentro da escola que é dos Estudos Socioculturais, na época dos estudos históricos, sempre esse olhar histórico sobre isso. O CEME era para ser isso, ele tinha que ter, na época no desenho eu coloquei o memorial da ESEF, era para ter um espaço ali, uma sala, um acervo específico só dedicado... Por vários motivos, porque é a primeira instituição formadora de profissionais¹²⁸, ficou como a única durante dá para dizer trinta anos. A gente tem os estudos que mostram a irradiação daqui. Ela é a instituição que tem a sede aqui, daí eu te comentei a ideia de nucleação. Na época se chamava nucleação, criar os núcleos, núcleo de Memória do Esporte lá da UNISC¹²⁹, núcleo nesses diferentes lugares... Então o Memorial da ESEF, depois ele teria um acervo geral, vamos chamar, que seria um acervo do esporte... Havia muito aquela “é esporte, é Educação Física” e a questão da Educação Física, a questão que se considera hoje da escola, porque nos clubes não tinha aula de Educação Física, nos clubes tinha uma aula de ginástica que eles ofereciam para os alunos de uma escola que se chamava, enfim... Mas nos materiais, a gente cada vez mais encontra menos o nome... Era aula de um esporte, de uma ginástica, de uma prática corporal esportiva. Então ele era para ser isso assim e ali ele ia reunir vários professores. Quem era da área do lazer, quem era da área da ginástica, ia olhar mais isso, um tanto uma ilusão,

¹²⁷ Aparelho da Ginástica Artística.

¹²⁸ No estado do Rio Grande do Sul.

¹²⁹ Universidade de Santa Cruz do Sul.

porque esses professores tinham outros na época aqui, eu tentei levar também aquela professora Taube¹³⁰ ...

C. M. – Margô?

J. M. – É, que ela tinha alguns projetos já, era bem antiga aqui. Teve outros professores também. Eles diziam: “Bom, não estou interessado em fazer pesquisa.” “Mas tu tem interesse em fazer uma exposição e colaborar com a gente numa exposição, numa área tua de interesse?”... Fazia essas articulações, ele seria esse espaço, uma ideia de pesquisa, ensino e extensão. O foco, claro, o foco principal seria ensino e a pesquisa e da pesquisa tu tem... Articula uma pesquisa, eu fiz do Willy Seewald, o que saiu da exposição do Willy Seewald. Já vinha bastante tempo estudando, conhecendo a história, tinha acesso aos objetos, bom, agora vou compartilhar esse conhecimento de uma outra forma, então sai lá a exposição do Willy Seewald. Alguns estudos norteariam, seriam desdobrados em algumas pesquisas. Eu chamo de estudos, não chamo de pesquisas. Dessa forma, ele era para ser esse espaço, e aí professores de diferentes áreas interessados nesse viés mais da pesquisa, que não precisava ser só uma pesquisa histórica, poderia ter esse viés mais amplo, mas ... teve algumas pessoas que tiveram ali um período uma aproximação e não... Diferentemente, por exemplo, do LAPEX se tu fosse relacionar hoje, o LAPEX congrega pessoas de diferentes áreas ali dentro, não é uma área só. Era um pouco... A ideia da sala de exposições, de ter um espaço assim, uma instituição, que nem um museu, ela precisava de um museu. Ter a sua sala de exposição, mas também sair, eu sempre pensei muito na ideia, que a gente sempre conviveu com esse problema de espaço aqui e tal, de levar as exposições para os lugares. A gente tentou uma vez num shopping, no Praia de Belas, que era um shopping... Mas era super difícil negociar com a gerente, tinha uma série de coisas... Mas eu me lembro, era um pouco isso, levar para lugares públicos e levar para escolas, afinal de contas o curso aqui era uma licenciatura, então levar isso para algumas escolas, fazer nas escolas as exposições, daí em parceria com os professores de Educação Física, mas para ti fazer tudo isso, isso é um mega... Eu precisava ter professores trabalhando na parceria e ter técnicos, ter bastante alunos bolsistas, porque uma exposição demanda muito trabalho e, às vezes, sou eu e mais três alunos para fazer aquilo, não é fácil,

¹³⁰ Margô Leni Taube.

demora muito para fazer... Aí os materiais, quem faz o banners? O custo, a qualidade, uma coisa bem complicada... Mas era algo assim... [risos]. Sim, mas bom essa era a ideia para ser, não queria que fosse só um lugarzinho, um lugar para um grupo, essa coisa que tem, que ele congregasse diferentes linhas, influências, isso aí.

C. M. – O que o CEME representou na sua trajetória?

J. M. – Foi bem importante. É muito engraçado isso, porque mesmo depois que eu saí lá do CEME e tudo, aqui dentro das Escola as pessoas... Eu acho engraçado que é um negócio assim: “Mas eu não tenho nada a ver com o CEME.” “Mas Janice, eu tenho uma doação para fazer para o CEME.” Eu digo: “Gente, não é para mim que vocês tem que fazer essa doação. Vocês tem que ir lá e falar com a professora Silvana, com a Leila¹³¹, com os bosistas. Vocês tem que fazer lá essa doação.” “Mas como assim? Tu não é do CEME?” Eu digo: “Não, eu não tenho nada a ver com o CEME, assim como eu não tenho nada a ver com o LAPEX. Não é porque eu estou dentro da ESEF que eu tenho a ver com o LAPEX, com o CEME, as pessoas elas circulam”. Então isso é muito interessante assim. Teve uma época que até me incomodava isso: “Gente, eu não tenho nada a ver com o CEME” e até fica uma coisa meio estranha assim, e a outra coisa porque me incomodava porque parece que forçam alguma coisa e criam um desconforto, entendeu? Até em relação à Silvana, e depois assim várias coisas... Isso acontece até hoje, impressionante, até professores novos que chegam aqui, disseram assim: “Ah tá, foi tu que criou o CEME, Janice?” Eu disse: “É, fui eu que... Criei não, que eu não sou criadora, eu idealizei o projeto do Centro de Memória e trabalhei lá até mais ou menos o início dos anos 2000. É isso”. “Mas que interessante”. Eu digo: “Ah, tá, obrigada”. Digo assim como... Porque as pessoas, claro, hoje tem gente nova da Dança, tu vai convivendo, e da própria Educação Física, professores antigos aqui: “Me diz uma coisa, me falaram que tu que idealizou o CEME.” Eu digo: “Pois é, fui eu.”, “Nunca imaginei” [risos]. Os caras estão aqui há uns dez, quinze anos. Então para mim é uma coisa boa, Chris. Como é que eu vou te dizer... Faz parte da memória. Fico satisfeita de ter feito isso, assim como hoje eu tenho muita satisfação de ter conseguido organizar um grupo de pesquisa, que é um núcleo. Tanto que eu não coloquei nome de grupo, coloquei nome de um núcleo na época. As pessoas: “Por que tu chama de

¹³¹ Leila Carneiro Mattos.

núcleo se isso é um grupo de pesquisa? Por que tem tanto gente e isso e aquilo?”. Eu disse: “Gente, eu nem estava preocupado com isso na época”. É que ficavam me pressionando para ter um nome e aí na combinação lá nós botamos para dar uma sigla, porque a gente fez as pesquisas e ficou NEHME¹³², núcleo”. “Mas no CNPQ¹³³ chamam de grupo”. Eu digo: “Então coloca lá grupo de pesquisa, dois pontos, abre aspas, Núcleo de Estudos...” Porque eu não sou tão preocupada com essa coisa, porque não foi fácil criar um grupo, não é fácil criar um grupo de pesquisa, eu nem lembro quantos anos... Eu fui registrar o NEHME em 2005, mas ele já existia, porque de fato ele sempre existiu, quando eu trabalhei no CEME, eu tinha um grupo de alunos, mas a gente não denominava assim na época e eu nem ousava denominar porque nós tínhamos a referência, então eu nem ousava. Claro que os alunos vão mudando, uns vão se formando, vão saindo, vão entrando novos, mas eu só registrei quando teve a questão da... É tipo até assim né, “Bom, agora tu é autorizada a registrar. Programa de Pós... É doutora, então tá, agora registra lá no CNPQ o grupo, certifica”, mas são processos. De fato, sempre existiu e foram mudando as pessoas. Claro, que com o teu ingresso num Pós-Graduação e tu vai tendo mais número de alunos, porque existe ali uma dinâmica, tu entra, é um; depois é dois anos, tu tem dois; felizmente, na nossa gestão¹³⁴, já mudamos isso, o professor já pode entrar recebendo dois. Tu vai tendo mais alunos e esses, alguns mais outros menos, porque a gente não tem só bons alunos e gente responsável, nós temos de tudo, eles vão colaborando mais. Porque se hoje, se tem um grupo é porque eu sempre tive bons alunos. É muito difícil um professor sozinho. Se nós temos hoje o NEHME, e eu fiz naquela época o CEME, é porque eu tive ajudas de diferentes formas. Ajuda financeira daqui, a Haiki que me assessorou muito, que é uma historiadora e uma pessoa muito séria, hoje ela mora em São Paulo e trabalha lá no arquivo, até esses tempos vi o nome dela em um lançamento de livro e tudo. A gente se encontra bem menos, quando eu vou a São Paulo ou quando ela vem aqui, e ela sempre foi muito rigorosa comigo, muito rigorosa, e foi ótimo porque ela dizia: “Não, se é para fazer dessa forma, não”. Porque ela vem de uma formação e ela é germânica até... [risos]. Por outro lado, às vezes eu ficava chateada: “Mas eu não vou conseguir isso”. “Não, vamos dar um jeito”. Até essa cobrança e a convivência com pessoas assim me ajudaram a conceber

¹³² Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física.

¹³³ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹³⁴ A professora se refere à gestão de coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, da ESEF/UFRGS.

dessa forma. Então, foi muito importante sim, marcou minha trajetória, mas é uma das coisas, não é a única. O grupo hoje de pesquisa, o Núcleo, é muito importante para mim, e de ver os alunos crescendo, escrevendo bem, sendo aprovado nos concursos, porque tu é responsável pelas pessoas, às vezes tu pode conduzir. O PET também foi e ainda é super importante, muito mais assim, eu aprendi muito com a educação tutorial, porque eu fui formada para ser outro tipo de professora, então também... O CEME foi e é importante, ainda é, eu faço parte da história, mas ele vai se somando a várias coisas, é isso um pouco o significado. E a outra coisa que eu acho importante é eu ter estado ali, foi um período, eu peguei o período inicial, vamos dizer de 1996 a 2000. O início ele é sempre muito difícil, não estou para me explicar sobre isso, mas a continuidade também é muito difícil. Não é porque a Silvana assumiu a coordenação depois que ela... Ela nunca compartilhou nada comigo das dificuldades, eu estou dizendo isso como alguém que... Porque não é fácil, sabe, ela deve ter enfrentado, imagino, uma série de dificuldades porque ela pegou numa fase difícil... A Escola também... Bom, depois ganhou espaço, construiu, mas deve ter investido muito tempo dela, muita energia, então também é importante. A continuidade também ela é, porque as coisas podem fechar as portas. Eu estou com um estudo dos clubes centenários que eu chamo “Os Centenários”. Os que passaram dos cem anos. Pô, criaram... Eu estudava muito a parte inicial da fundação, depois os abalos do Estado Novo e agora nós estamos estudando isso: como é que eles conseguiram sobreviver e se manter? Isso também tem um esforço, tu te manter em continuidade, e os projetos. Também eu acho que foi importante e acho que é muito importante de se manter e reconheço que não é uma tarefa fácil. Acho que é um pouco isso o CEME e ficou CEME. Daí as pessoas me perguntam: “Tu botou NEHME por causa do CEME?”. Eu disse: “Não, porque o Edson¹³⁵, na época, disse: “Professora... Eu achei muito bom”. Ele chegou a frequentar meu grupo, ele é historiador. “Eu sei que a senhora não gosta dessas siglas que tu não consegue ler...”. E não gosto mesmo, não vou citar nenhuma. Que nem eu lembro. “Como é o nome do teu grupo?” Não, não, não. Eu preciso de alguma coisa muito fácil... Eu gosto muito disso, então quando o Laércio¹³⁶ também sugeriu, eu pensei... “Como é que fica a sigla?” Eu sempre penso muito na sigla, porque as coisas ficam... É a sigla, é como a ESEF hoje, ninguém vai falar Escola de Educação Física. Não, é ESEF, é PET, é CEME, e é o NEHME. Quando começou essa coisa... “NEHME, professora”. Perfeito, curto, que nem

¹³⁵ Nome sujeito a confirmação.

nome... Às vezes nome de pessoa, acaba... Ficou isso assim. E eu continuo fazendo as pesquisas, a gente estimula que utilizem, que pesquisem, que consultem o acervo, que é um pouco a ideia que era a do início, imagina tu ter as entrevistas transcritas, todo esse trabalho. Eu não sei como nos outros, sinceramente, eu não sei como nos outros lugares funcionam os Centros de Memória, porque de fato nunca visitei, não que eu não tenha interesse em visitar, às vezes por exemplo, se der com um evento, mas eu nunca visitei, por exemplo, no Rio de Janeiro o do Inezil Penna Marinho. Agora, já visitei a página que é de fácil acesso. Esse da UFMG, não conheço lá, mas já visitei a página. Agora a gente sabe que as páginas são um tipo de visita, é uma informação e quando você está lá no local é outra. Eu gosto muito dos dois caminhos, mas até hoje, curiosamente, não visitei outros acervos, outros centros, outros lugares. Agora, já estimulei que as pessoas fizessem isso, aqui na UCS¹³⁷ quase que saiu um, tá quase, quase que saiu um centro ali por meio da Vanessa¹³⁸, uma coisa de acervo. Mas não é fácil para ela também, ela é nova na instituição, muita carga horária. Eu digo: “Tem que ir devagar”. Mas já existe, já foi elaborado uma concepção, já tem um projeto e às vezes tem que esperar o momento. Às vezes tem tudo isso, o momento favorece mais, o momento tem condições, até mesmo quem está a frente dos cargos diretivos, às vezes tu pode estar com um projeto muito bom, mas não vai, não tem... A pessoa, para ela, aquilo não é prioridade no momento. Então, acho que essas coisas assim... Agora o CEME, às vezes tu fala: “O que o CEME significou?” Por outro lado... Idealizei o CEME, trabalhei muito, doações e tudo, agora por outro lado, se tu for olhar esse meu período aqui dentro da ESEF, voltando para o critério de ser produtivo, tu vai ver que eu tenho uma lacuna em termos de publicações, porque não tem como tu estar... E também eu tinha os cargos administrativos, tu tem que ter foco, a pesquisa, o desenvolvimento, tem que estar... Tu tem que ter foco, tem que ter tempo para se debruçar, para produzir os trabalhos. Então volta o critério, a minha saída, depois e o retorno é toda uma reconstrução, eu tive que reconstruir o caminho, porque agora eu sou uma Doutora e não basta você ter o título. As pessoas ficam muito tranquilas, eu acho que o título sim ele te traz tranquilidade por um lado, mas ele te traz uma série de intranquilidades, porque agora tu tem que desenvolver, o título não te dá garantias. Então, esse afastamento me trouxe mais tempo e, devagarinho, eu fui construindo mais um

¹³⁶ Laércio Elias Pereira.

¹³⁷ Universidade de Caxias do Sul.

¹³⁸ Vanessa Bellani Lyra.

caminho de alguém que produz mais pesquisas. Pelo menos, se eu olho o currículo, eu não botei lá no meu Lattes tudo que eu fiz, eu botei lá em 2000, nem sei se eu coloquei 2000, para frente, eu tirei tudo fora antes, que haja... Até isso, né! Tua carreira de professora, teu credenciamento, é a cada cinco anos. Deu, não serve mais! Isso aqui está fora, não pontua mais. Ou a cada três anos, agora é quadriênio. Quando eu comecei a parar para analisar: “Olha só que lacuna aqui”. Eu jamais fui identificada ali, pelos critérios de hoje, como uma pesquisadora. O que é ser pesquisadora? É ter um monte de publicações. Mas o tempo ele estava direcionado e o próprio foco, isso acontece, enfim, às vezes, com quem está... E como é feita assim, por exemplo, se tu é um órgão auxiliar, tu tem funcionários a tua disposição, tudo isso, ou tu é um projeto... Hoje nós temos, hoje não, a Escola tem um projeto de extensão que tem técnicos administrativos destinados para isso, o que é um tanto incoerente, me parece, mas enfim, são as estratégias que as pessoas acabam tendo que utilizar para poder fazer com que as suas ações sejam desenvolvidas, porque senão não tem como isso. É muito difícil o professor, com todas as atribuições que ele tem, se ele não tem os técnicos, bastante bolsistas, e mesmo assim acredito que a demanda ela vem de monte e muitas coisas que se gostaria de fazer, às vezes, não se consegue, tu tem que escolher. “Agora nós vamos por aqui”. Abre mão de mais de um projeto em razão do outro, até porque já tem as condições mais bem preparadas para aquele, às vezes nem seria um tempo grande para ti o significado, mas como o caminho já está certo. É um pouco isso, tem que estar, constantemente, analisando isso também. Mas é isso assim...

C. M. – Janice, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

J. M. – Não [risos]. Falei demais.

C. M. – Mas foi ótimo.

J. M. – Não lembro de um monte de coisas. Eu sou um pouco... Eu sei que deve acabar com os arquivos mortos, mas eu tenho uma forma que não é muito boa. Eu tenho, tipo assim, aconteceu, arquivo morto. Deixa lá, arquiva. Então, até isso... Depois eu fiquei pensando, tipo: “Olha, nem me lembrava”.... Bota lá essa sua exposição... “Ah, tá, aquela

exposição!” [risos]. Que eu vou meio que... Isso foi... Tipo agora essa história do Atlas¹³⁹. “Bah, foi tu que fez o Atlas?” Eu digo: “Bah, às vezes eu...” Aquele Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul me deu um desgaste tão grande, tão grande, que às vezes eu fico pensando todo tempo no desgaste que eu tive, se realmente... Tá, valeu a pena, ficou o marco, mas por outro lado assim, outra lacuna. Vai ver quanto que eu poderia ter produzido em termos de pesquisa, de critérios que hoje são exigidos e que ficou ali de um investimento, que de fato ele é um trabalho de linha de tempo, que não é... É uma produção de fontes, aquilo ali não é enquadrado como pesquisa, de publicações. Às vezes as pessoas vem, eu digo: “É mesmo, [risos] eu fiz”. Ele já ficou lá, ele fica numa balança, começa a colocar, “Tá, vai lá para o arquivo, agora volta”. [risos] Ou para outras coisas, mas é isso, Chris. Espero ter te ajudado.

C. M. – Muito.

J. M. – Eu tenho material guardado, quando eu parar para mexer, eu tenho um arquivo na minha sala. Eu tenho em casa, num quarto assim, minha sala de jogos que eu chamo, mas está tudo organizadinho porque eu recebo muito doação até hoje, por causa das pesquisas também e por causa, sei lá, dessa identidade que eu criei. Eu tenho paixão de pegar... Um professor agora antigo, disse: “Estou tão feliz de ver que eu vou dar todo esse material para ti. Eu nunca vi alguém pegar assim, minha mulher louca para limpar a sala”. E eu: “Que coisa maravilhosa, nem acredito!” Eu disse: “Estou tão feliz”. Eu gosto do material, de pegar, eu dou valor, não sei, aprendi a dar valor. A minha mãe é professora, foi professora alfabetizadora trinta e cinco anos, e no final da carreira dela, como minha mãe teve um problema cardíaco muito sério, quase morreu e tudo, botou uma válvula no coração, foi bem... Quase que a gente perdeu ela. Na escola, ela foi diretora de escola também, eles acharam que ela poderia voltar, que isso seria um pouquinho bom para ela assim, sabe. E ela então teve até uma espécie de uma sobrevida profissional e ela foi trabalhar numa biblioteca, porque ainda a situação do coração não estava tão grave, ela tinha alguns desmaios e falta de ar. Naquela época, demoravam muito, então ela foi trabalhar na biblioteca da escola, ela virou bibliotecária. Ela fazia recuperação de livros, acervos, ela fez aqueles cursinhos de fazer capa dura, quando o livro estava todo destruído, ela fazia a

¹³⁹ Referência ao Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.

hora do conto. Eu me criei muito dentro disso, então eu acho que essas coisas do valor, eu aprendi muito disso, que um livro velho se tu puder recuperar, olha que maravilha. Eu me lembro que ela disse: “Olha só!”. Uma coisa muito simples, às vezes muito primária, na época se usava cartolina, sei lá, uns papéis. Ela dizia: “Olha só que bom, agora vou poder botar lá e as pessoas vão usar”. Até hoje eu penso quando as pessoas dizem: “Janice, eu não sei se isso aqui tu vai querer, a capa toda rasgada, corroída”. Eu digo: “Como não? Mas claro que eu quero, isso aqui dá para recuperar” [riso]. Eu tenho lá em casa muito materiais ainda porque vieram através das pesquisas, tipo a do Willy, porque veio e tal, e que eu pretendo, claro, futuramente doar, mas eu quero estudar ainda. Acho que me falta muito essa coisa da pesquisa ainda. Eu gosto muito de fazer isso, de contar as histórias, sabe, de descrever, de descobrir, de ficar montando tipo: “Olha, tu finalmente, tu vê essa pessoa foi ele que fez isso”. Edaí vai montando, isso me dá muito prazer. Foi um prazer... Porque eu tinha muito prazer em organizar, em receber. O prazer que eu tinha na época do CEME, isso me dava muita satisfação. Hoje essa coisa da pesquisa, pesquisa, estudo, sei lá, como quiserem chamar, ela me dá muita satisfação, só que eu me dei por conta, Chris, que eu estava num ritmo muito acelerado e isso já faz uns dois... Eu venho avaliando isso. Isso, às vezes, eu acho que o trabalho começa a perder um pouco em qualidade. Então, uma palavra final é a seguinte: eu quero desacelerar e quero me dedicar. Eu quero dedicar mais tempo, porque eu tenho certeza se eu ficar mais tempo... Eu quero trabalhar com o *meu ranking*, com os *meus* critérios e não tanto com esses critérios impostos, que é o que vem se fazendo, porque tem tanto trabalho bacana para fazer e que é uma contribuição que a gente pode deixar. Deixar e até, às vezes, utilizar na tua aula, aplicar mais em aula. Eu tenho trabalhado muito essa relação hoje, presente e passado, até porque o perfil do aluno mudou bastante. Eu quero me voltar mais para isso assim, estudar mais, dedicar mais tempo para pesquisar, com todo esse material que eu tenho. Às vezes eu olho assim... E daí depois eu vou doá-lo sim, sem qualquer problema, porque todo material pode ser revisto, pode ser utilizado. Eu acho que é um pouco isso. E dar os parabéns para vocês lá do CEME.

C. M. – Obrigada.

J. M. – Eu acho que, como eu já estive lá, claro, foi há anos e anos atrás, a situação melhorou, a universidade mudou, está tudo muito mais aberto, mas eu imagino que é um trabalho bem exaustivo e árduo ainda, e tem muitas barreiras ainda para ser rompidas. Às vezes elas não aparecem muito, ficam lá naquele campo do simbólico, mas tem. Então, eu acho que isso assim. E até as pessoas dizem: “Mas por que tu não trabalha lá?” Eu digo: “Sei lá, eu construí esse outro caminho”. De certa forma a gente trabalha, busca materiais lá. Que bom, eu desejo o máximo de sucesso, mesmo que aí teve essa redução de espaço que não é fácil, é tudo muito apertado, é difícil e, às vezes, uma ou outra hora a gente vai ali e tal, mas... Dizer que eu sempre fui muito bem atendida lá e as exposições assim a gente só chega e olha, mas aí se tu para pra pensar como que tudo isso aqui foi feito. A gente só olha, conversa e assina o caderninho. Que beleza! Acho que sempre eu procuro problematizar um pouco isso, porque é o trabalho de vocês que fica por trás, que são os bastidores. Eu acho que é isso. Dar os parabéns e desejar que vocês consigam ampliar o espaço de vocês [risos].

C. M. – Muito obrigada.

J. M. – Para um novo e maior ainda do que se tem lá, com condições muito melhores. Eu acho que merece ter, por tudo. Imagina vocês vão fazer vinte anos, é muito tempo. Eu nunca tinha pensado... Vinte anos. Sim, a Escola... A gente está agora com setenta e cinco... Chris, e eu desejo sucesso para o teu trabalho.

C. M. – Obrigada, Janice.

[FINAL DA ENTREVISTA]